

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (IFCH)
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

GUILHERME NICOLINI PIRES MASI

**“ISTO É A GUERRA...UMA GRANDE ESTUPIDEZ”: TRANSFORMAÇÕES DOS
SENTIMENTOS DE UM SOLDADO FEBIANO NA 2ª GUERRA MUNDIAL**

Porto Alegre

2015

GUILHERME NICOLINI PIRES MASI

“ISTO É A GUERRA...UMA GRANDE ESTUPIDEZ”: TRANSFORMAÇÕES DOS
SENTIMENTOS DE UM SOLDADO FEBIANO NA 2ª GUERRA MUNDIAL

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em História.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia Mauch

Porto Alegre

2015

Masi, Guilherme Nicolini Pires
"ISTO É A GUERRA...UMA GRANDE ESTUPIDEZ":
TRANSFORMAÇÕES DOS SENTIMENTOS DE UM SOLDADO FEBIANO
NA 2ª GUERRA MUNDIAL / Guilherme Nicolini Pires
Masi. -- 2015.
67 f.
Orientadora: Cláudia Mauch.
Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2015.
1. Nova História Militar. 2. Força Expedicionária
Brasileira. 3. 2ª Guerra Mundial. 4. História das
Sensibilidades. 5. Diário de Guerra. I. Mauch,
Cláudia, orient. II. Título.

GUILHERME NICOLINI PIRES MASI

**“ISTO É A GUERRA...UMA GRANDE ESTUPIDEZ”: TRANSFORMAÇÕES DOS
SENTIMENTOS DE UM SOLDADO FEBIANO NA 2ª GUERRA MUNDIAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História.

Aprovado em: 10 de dezembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Ianko Bett - MMCMS

Profº. Dr. Luiz Alberto Grijó - UFRGS

Profª. Drª. Cláudia Mauch - UFRGS (orientadora)

“Agora é a FEB que desfila no seu verde oliva, puxando a chumbo a ‘cobra fumando’
no escudo de seu braço” – Carlos Flores de Paiva.

Para meus primos Alê, Bruno, Dáia, Jonas, Marcelo e Páti.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a minha mãe, Velci Teresinha Pires, que sempre me dá bons conselhos e apoio incondicional às minhas escolhas. Ao “tio” Wilson e a “tia” Arlinda, meus padrinho e madrinha, e a quem devo o hábito da leitura e o amor pelas artes.

Agradeço a professora Cláudia Mauch, por aceitar ser minha orientadora. Obrigado pelo rigor e dedicação na correção deste trabalho. Agradeço, também, os militares: Coronel Araújo Góes, 1º Tenente Nathalia, 2º Tenente Barcellos, 2º Sargento Brum, 2º Sargento Vilmar, 2º Sargento Dill, Cabo Wesley, Soldado Lafonte, Soldado Raffin e o restante da equipe de mediadores e auxiliares do Museu Militar do Comando Militar do Sul, pela presteza, cordialidade e zelo. E, especialmente o 1º Sargento Ianko Bett, que muito me incentivou a realizar esta pesquisa.

Aos meus amigos, Bruno Ribeiro Oliveira, pelas ideias e sugestões, e Pedro Martins ‘louco’ Mallmann, por ser a pessoa mais preocupada que conheço. Agradeço pela camaradagem e amizade os “*audazes e temerários, terríveis e sanguinários*” Alexandre Parizi, Ana Paula Araújo, Anderson Bier, Anderson Ribeiro de Oliveira, Bruna Neves, Bruno Veck Milão, Diego Gules Butori, Filipe Motta, Helena Oliveira Nunes, Hobbit (Henrique Mangoni), José Alfredo de Castro Neto, Marina Baptistella, Marina Haas de Leone, Nathália Lemos Grün, Robson Rodrigues dos Santos, Rodrigo Marques Ferreira Gomes, Rodrigo Raya, Talita Bazzo Rauber, Toleco (Cristiano Santos) e Victor Hugo.

Finalmente um agradecimento especial a Marluce Dias Fagundes, minha namorada, que com muita paciência aguentou meus resmungos e reclamações. Sem afeto e carinho certamente esta tarefa teria sido muito mais difícil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. DIÁRIOS DE GUERRA E A NOVA HISTÓRIA MILITAR	16
1.1. <i>Da História Militar</i>	16
1.2. <i>Da Nova História Militar</i>	18
1.3. <i>Sensibilidades em Diários de Guerra</i>	21
2. A GUERRA VIVIDA E SENTIDA POR UM SOLDADO BRASILEIRO	30
2.1. <i>Da Guerra</i>	30
2.2. <i>Força Expedicionária Brasileira</i>	36
2.3. <i>Uma longa travessia</i>	37
2.4. <i>Bela Itália</i>	43
2.5. <i>“Isto é a Guerra...Uma Grande Estupidez”</i>	48
2.6. <i>No front com amigos</i>	51
2.7. <i>“Vencido o inimigo que antes fora varonil”</i>	53
CONCLUSÃO	63
FONTE	65
BIBLIOGRAFIA	65

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é primeiramente fruto de meu interesse por um campo intelectual constantemente refutado por muitos historiadores(as) – o da História Militar. Meu interesse por esta área de estudo inflamou-se, especialmente após o Estágio de Docência em História III – Educação Patrimonial o qual realizei junto ao Museu Militar do Comando Militar do Sul (MMCMS). Nesta oportunidade pude prestigiar a exposição: “*Cenários de Guerra: Sentimentos de um combatente da Força Expedicionária Brasileira*”, montada a partir das impressões relatadas no “*Diário de Guerra*” de Sólon Rodrigues D’Avila. O interesse em estudar este diário especificamente aprofundou-se após o convite realizado pelo historiador do MMCMS, 1º Sargento Ianko Bett para participar de um projeto que visa transcrever e publicar o diário em sua integralidade.

Outro motivo caro para minha escolha foi o forte desinteresse que muitos historiadores (as) nutrem por temas relacionados à História Militar. Entre os estudiosos(as), no Brasil, é reduzido o número de pesquisadores(as) que optam por esta temática em seus estudos, sendo que, a maioria dos artigos, dissertações, teses e afins são provenientes de instituições militares e do Instituto Histórico e Geográfico Militar. Noto um grande e limitador “ranço ideológico” movido por argumentos de senso comum que teimam em considerar a História Militar como “*direitista*” e “*reacionária*”, “*devendo ser estudada por ‘milicos’ em seus quartéis*”. Reflexo disto são as inúmeras experiências ao longo de minha graduação em História. Historiadores(as), que nem sempre são indivíduos dos mais tolerantes, mantêm ainda uma suspeita de que a História Militar deve de alguma forma, ser identificada com o “*militarismo*”, posição da qual discordo veementemente. É paradoxal a concepção de História de muitos(as) colegas que insistem em torcer desdenhosamente o nariz para reflexões a respeito de História Militar, pois acredito que nem o comodismo e, muito menos a negligência devam ser posições adotadas por historiadores e historiadoras que se dizem críticos de sua sociedade.

A atual falta de interesse de muitos acadêmicos(as) por temáticas militares pouco ajuda, ou melhor, muito atrapalha o avanço da própria História. Especialmente no Brasil, país onde ainda buscamos consolidar um Estado democrático, no qual a compreensão da temática militar é deveras importante para este objetivo. Assim sendo, persisto reescrevendo e revisitando os territórios militares, pois estes caminhos, além de renovarem a historiografia brasileira, nos possibilita compreender melhor os fenômenos militares, abrindo-se novas perspectivas para as discussões acerca do papel das Forças Armadas em nossa sociedade. E,

como nos ensinou a historiadora Sandra Pesavento, “não se pode considerar a história como a busca de uma verdade imutável, mas como *verdades*, [...] a cada geração se revisam interpretações. Afinal, a história trabalha com a mudança no tempo, e pensar que isso não se dê no plano da escrita sobre o passado implicaria negar pressupostos¹”. Desta forma, assumo as perspectivas da *Nova História Militar*, na qual os aspectos sociais e culturais passam a se sobrepor nos estudos sobre as forças armadas e a experiência do serviço militar.

O levantamento bibliográfico realizado para esta pesquisa procurou dar conta da historiografia militar brasileira a respeito da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e à memória gerada com a atuação brasileira no Teatro de Operações (TO) europeu. Embora exista uma considerável quantidade de fontes, as dissertações e teses que abordam temas relacionados à FEB aparecem de maneira escassa e pouco ampla. Mas nota-se que, especialmente a partir dos anos de 1990, os estudos sobre a FEB vêm sim ganhando espaço, aumentando o número de pesquisas, dissertações, teses e afins.

Embora a proposta desta pesquisa trilhe por caminhos da *Nova História Militar* não significa que a historiografia tradicional² sobre a FEB na 2ª Guerra tenha sido descartada. Muito pelo contrário, essa é de fundamental importância para a compreensão das campanhas militares, apresentando dados factuais importantes mesmo para interpretações sob a perspectiva da Nova História. Contudo, não é objetivo deste trabalho abordar a totalidade da participação brasileira na conflagração mundial, nem narrar toda a campanha militar da qual a FEB esteve envolvida, obras voltadas especificamente para estas análises conseguem explorar esta temática de forma mais consistente.

À candente bibliografia sobre a FEB contribuem significativamente os estudos do Doutor em História pela USP, professor Francisco César Alves Ferraz, autor de diversos livros e artigos sobre a temática. Este autor analisa de maneira contundente a legislação

¹ PESAVENTO, Sandra J. *História & História Cultural*. 2ª Ed. São Paulo: Autêntica, 2005, pp.15-16.

² A fim de colaborar com os esforços de das tropas Aliadas o Brasil enviou, no ano de 1944, uma força militar expedicionária (FEB) para a Itália. A historiografia tradicional anota a participação brasileira como um fato glorioso e heroico, tendo vista os resultados finais obtidos pelos soldados “febianos”. A significativa maioria dos livros que abordam temas relativos à FEB, é difundida no e pelo meio militar, priorizando as memórias do comandante geral da tropa, general Mascarenhas de Moraes, e de oficiais do seu estado-maior, bem como os generais Cordeiro de Farias e Lima Brayner. Encontram-se, ainda, inúmeras publicações de “pracinhas”, geralmente editados por Associações de Veteranos ou pela BiBliEx, contudo estes trabalhos atem-se aos fatos, e pouco contribuem com reflexões mais aprofundadas sobre os assuntos abordados. Não desmerecendo tais escritos, que evidentemente são de suma importância, o presente estudo busca analisar a trajetória da FEB sob o ponto de vista de militares menos graduados.

relativa aos ex-combatentes sendo um dos primeiros a perceber as Associações de Veteranos como elemento de resiliência daquele grupo de soldados, que muitas décadas depois de sua desmobilização no TO europeu, ainda lutam, agora pela preservação de suas memórias. Outro autor que vêm produzindo notáveis pesquisas relativas à FEB e as temáticas militares é o professor da Escola de Comando e Estado Maior do Exército – ECEME – e do PPG em História da Universidade Federal do Paraná, Dennison de Oliveira. Pós-doutor em Estudos Estratégicos pela UFF, Doutor em Ciências Sociais e Mestre em Ciências Políticas pela UNICAMP, o professor Dennison Oliveira é sumidade nos assuntos relativos à diplomacia Brasil-EUA no período que antecede a conflagração mundial. Em sua recente publicação: “*Aliança Brasil-EUA: Nova História do Brasil na Segunda Guerra Mundial*”³ o autor aborda a aliança entre Brasil-EUA, o programa *Lend Lease*, pelo qual o Brasil muito se beneficiou para realizar financiamentos e aquisições materiais relativas aos seus interesses militares. Responde importantes questões relativas à influência da Comissão Militar Conjunta Brasil Estado Unidos e da Comissão Conjunta de Defesa Brasil Estado Unidos. Comissões conjuntas que selaram a aliança militar estabelecida entre os dois países, e que tiveram suma importância no período que antecede a declaração de guerra até a participação dos países aliados e, em especial o Brasil no TO europeu.

Somados aos autores referidos acima, destaco o crescente número de trabalhos interessados na História da FEB e sua atuação, à memória dos ex-combatentes e ao pós-guerra, nas Associações de Veteranos e na própria relação da FEB com seus aliados. Sobressaem, portanto, trabalhos e estudos sobre as questões político-econômicas que levaram ao envolvimento do Brasil na guerra, a trajetória da FEB e a relação entre memória e guerra, o pós-guerra e a reintegração social dos veteranos. Contudo, decorridos mais de 70 anos do fim da maior conflagração mundial, muitos aspectos relativos à participação do Brasil na guerra ainda seguem obscuros, despertando indagações e controvérsias. Assim, são necessários novos trabalhos que enfoquem não só os aspectos citados, mas também os momentos de combate, como os soldados encaravam as situações e momentos vividos durante a campanha, de que forma expressavam seus sentimentos relativos à guerra, ou o que pensaram durante o período que estiveram na FEB e, ainda, das suas visões sobre os aliados e inimigos.

Assim sendo, estabeleço neste trabalho um breve contexto dos principais acontecimentos relevantes para o entendimento da atuação brasileira no TO europeu, e de que forma estes eventos foram sentidos pelos soldados brasileiros. Embora a amplitude do tema e

³ OLIVEIRA, Dennison de. *Aliança Brasil-EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: Jorúá, 2015.

as possibilidades que surgem, priorizo a narrativa contida no Diário de Guerra⁴ que se destaca pela riqueza de um relato que ao narrar momentos especiais vivenciados por aquele grupamento foge do lugar comum de muitos diários meramente cronológicos. Coloca o leitor diante de situações inusitadas, e consegue por meio dos fatos considerados menores em algumas óticas, descrever os sentimentos que surgiram em um soldado que cruza o Atlântico rumo à batalha e, da mesma forma, como este “*amadurece*” no *front*, onde alguns sentimentos passam a não existir, ou mesmo que existindo, passam a ser expressos de maneiras e intensidades distintas. Em outras palavras, trato aqui da transformação dos sentimentos surgidos no cotidiano da guerra, expressos por um soldado brasileiro da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial. Entendendo que:

Recuperar sensibilidades não é sentir da mesma forma, é tentar explicar como poderia ter sido a experiência sensível de um outro tempo pelos rastros que deixou. O passado encerra uma experiência singular de percepção e representação do mundo, mas os registros que ficaram, e que é preciso saber ler, nos permitem ir além da lacuna do vazio, do silêncio.⁵

Sólon Rodrigues D’Ávila atuou como Oficial (1º Tenente) de Transmissões do 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado na campanha brasileira junto ao V Exército Aliado, na Itália. Fundamento minha pesquisa empírica em seu “Diário de Guerra”, escrito entre setembro de 1944 a agosto de 1945, que juntamente com objetos do período que esteve em combate – tais como uniformes, medalhas, mapas, fotografias, diplomas, condecorações, cartas pessoais trocadas com amigos italianos, dentre outros –, foi doado em 14 de julho de 2013 ao Museu Militar do Comando Militar do Sul pelas Sras. Eliane Barcellos D’Ávila e Elizabeth Barcellos D’Ávila, filhas do já falecido Coronel de Cavalaria Sólon Rodrigues D’Ávila, encontrando-se no acervo desta instituição patrimonial.

Nascido em Vacaria, RS no ano de 1917, Sólon iniciou sua carreira militar no Colégio Militar de Porto Alegre, seguindo após para a Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, tendo sido declarado Oficial da Arma de Cavalaria em dezembro de 1939. Em 1943 voluntariou-se para a Força Expedicionária Brasileira (FEB), seguindo para a Itália no ano seguinte. Participou ativamente de muitas operações de combate da FEB, dentre elas a

⁴BARBOSA, Marcus Vinícius; BETT, Ianko; MASI, Guilherme Nicolini Pires; Transcrição do Diário de Guerra do Coronel Sólon Rodrigues D’Ávila. Porto Alegre: [S/N], 2015. Nota: Artigo não publicado. Observação: as palavras grifadas com “PNI” significam “Palavras Não Identificadas”, devido à dificuldade de entendimento gráfico. Optou-se por manter a grafia original.

⁵PESAVENTO, Sandra Jatahy; Sensibilidades: Escrita e Leitura da Alma. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy LANGUE, Frédérique – Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007, p.21.

rendição da 148ª Divisão do Exército alemão. Registrou no diário muitas de suas impressões do TO italiano.

7 – 10 – 44

São 11.h45, o navio continua atracado e nós sem poder sair – preferia estar em alto mar, do que em um porto, sem poder sair. É grande a ansiedade de todos, para darem uma volta, conhecer a cidade e porque não, dizer, os napolitanos....

Tenho a impressão que só sairemos daqui para tomar nova condução que nos levará a LIVORNO.

Consegui finalmente dar um pulo em Nápoles. Sai com o prazo de 1 hora a fim de visitar outro navio que veio conosco, porem na verdade fui para a cidade. Nápoles, ao contrário da primeira impressão que tive, é uma cidade grande, com muito movimento, e bastante comércio. A parte que consegui ver, o movimento era intenso – grandes murmúrios de marinheiros, de diferentes nacionalidades, se confundiam com a multidão – eram americanos, canadenses, marroquinos e por fim australianos, com seus cabelos de fogo, (geralmente) bigode grande, fumando cachimbo.

Apesar do movimento, o aspecto geral é de tristeza, muita miséria, muito luto, muitos pedintes, geralmente menores. Existem ruas em que a edificação está bem destruída.

Seis garotos me abordaram a fim de saber se eu não queria uma “senhorita”, como dizem eles.

Chamou-me muita atenção a beleza dos cavalos que tracionavam as carroças – lindos animais, de grande altura.

As mulheres que vi são de estatura comum, geralmente morenas, não faltando sempre algumas rubras. Os tipos são os mais variados possíveis, porém mais feia que as brasileiras. Usavam o vestido muito curto. Os homens também de estatura média e morenos.⁶

Trata-se, portanto, de um manuscrito original, composto por uma caderneta e uma agenda do ano de 1945 e recebe o título de “Diário de Viagem”, anotado pelo próprio diarista. Escrito à mão, geralmente à caneta, e marcado por uma escrita livre⁷, pouco rasurada, o que demonstra uma reflexão precedente à escrita, mas que também se deixa levar pelo presente imediato.

22

São agora 12h50 e depois de ter passado a noite sem dormir, encontro-me agora em Rocca sentado em meu Jepp. Afim de ver se consigo ligação com a Cmt. do Esq. que foi em Silla. A estrada que conduz onde estou é terrível e todas as viaturas pesadas tiveram que voltar. Estão comigo onze homens do extra, 7 do 3º Pel. e o Pel. do Lamazi está mais para a frente. A noite que passamos foi péssima. No lugar em que me encontro é grande o número de “esfolatos” todos muito mal vestidos e mal alimentados.

Ainda não estou conformado do Amaro...

Os soldados dormem com exceção de um ou outro que se encontra por aqui.

A dois dias que não sofremos bombardeios.

⁶ BARBOSA; BETT; MASI, 2015.

⁷ Entendo por escrita livre um texto que se constitui continuamente, durante um período de tempo determinado, que não atenta necessariamente a regras gramaticais ou ortografia, pontuação, etc. O texto produzido é geralmente “cru”, mas dá vazão ao fluxo de pensamentos numa narrativa.

Uma das peculiaridades deste diário de guerra é a inconstância da escrita, que se dá em momentos diversos do dia, havendo, inclusive, dias sem anotações. Ora, isto revela nada menos que a imprevisibilidade da guerra, ou seja, escreve-se quando há tempo e disposição para isto.

23 – 12 – 44

Como estás abandonado, Diário...

Todos esses dias passei também na Colina. Quanta coisa deixou de ser escrita, quantas cenas... porém no fronte não se tem disposição para escrever e muitas vezes falta o tempo.

Além do dispositivo de datação no cabeçalho de cada dia, aparecem frequentemente anotados os diferentes horários, locais e situações nas quais o soldado se encontra no momento da escrita. Podendo haver diversos relatos durante um só dia.

29 [9-1944] – Sexta

Tudo indica que hoje vamos ter mais um dia horrivelmente quente; são 10h da manhã e o calor está de amargar. Os entendidos a bordo dizem que depois de amanhã avistaremos terra, salve a terra!!

São 11h – fomos avisados de que um dos Destroyers da escolta avistou um submarino...

São 12h15, tenho impressão que o submarino foi dar uma volta.

Este diário, para além de um registro de memória, carrega a expressão de toda uma complexidade de sentimentos surgidos na guerra. Contudo, ao privilegiar este tipo de fonte, é preciso ter clara consciência de que tanto diários como memórias contém ornamentos e omissões no ato do registro, mas não deixam de transbordar expressões de alegria, medo, angústias, enfim, uma infinidade de sentimentos que, de uma maneira direta e fresca, sem diluir-se por outras vivências e reflexões, podem revelar muito sobre o dia-a-dia da experiência de um soldado brasileiro no *front*.

29 de abril

Rendição da 148 Divisão Alemã!!!

Nada necessito escrever... nunca esquecerei as cenas deste dia...

Baseio-me, então, nas propostas de Maria Teresa Cunha⁸, que aponta as maneiras de abordar os diários íntimos de forma que o “pesquisador não seja apanhado pelas armadilhas da subjetividade ou do efeito de verdade”. Desta forma dediquei-me num primeiro momento à

⁸ CUNHA, Maria Teresa. Diários Pessoais. Territórios abertos para a História. In Carla Bassanezi Pinski e Tania Regina de Luca (Orgs.) O Historiador e suas fontes – 1.ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015, p. 251-279.

leitura e transcrição⁹ do diário, de forma livre, sem fazer apontamentos ou observações. Cunha nos ensina a perceber os diários como os “atos de memória” e “redutos de expressões de sensibilidades que, mesmo em seus traços descontínuos, são modos de fazer e compreender a vida do dia a dia”¹⁰. Mas nos alerta para a necessidade de evitarmos aquilo que Pierre Bourdieu chama de *ilusão biográfica*, ou seja, tomar o diário como uma narrativa que trata a vida “como uma trajetória coerente, como se seguisse um único fio, quando, na verdade, na existência de qualquer ser humano, multiplicam-se os azares, as causalidades, as oportunidades”¹¹.

27 de maio

Um belo domingo, não sai de S. Juliano.

A turma está quase toda noivando aqui na Itália e temos 3 oficiais casados e com filhos aqui no Esq. que estão apaixonados.

É possível, enfim, o uso de diários pessoais para “configurar um passado, bordejar contornos do vivido e apontar para rupturas e permanências”. Mas cabe salientar, que um objeto é passível de diversas interpretações de acordo com o contexto social no qual se insere. No caso deste diário, a análise se faz por meio das possibilidades abertas pela Nova História Militar, entendendo este registro pessoal como indício para a reconstrução de diferentes sentimentos do soldado que registrou o cotidiano da sua trajetória na Segunda Guerra Mundial.

Este trabalho se divide em dois capítulos. No primeiro o qual intitulo: “Diários de Guerra e a Nova História Militar”, dedico-me a fazer uma revisão historiográfica das noções tradicionais da História Militar, dos seus métodos, aportes conceituais e a quem se dedicavam estas produções historiográficas. No mesmo capítulo passo reflito sobre as transformações

⁹ Transcrição realizada por 1º Sargento Ianko Bett (MMCMS) e Marcus Vinicius Barbosa (UNISINOS) no período compreendido entre 25 de setembro de 2013 e 23 de outubro de 2013. 1ª revisão realizada por - 1º Sargento Ianko Bett (MMCMS) e Marcus Vinicius Barbosa (UNISINOS) e Guilherme Nicolini Pires Masi (UFRGS), no período compreendido entre agosto e setembro.

- 2ª revisão realizada por 1º Sargento Ianko Bett (MMCMS) e Marcus Vinicius Barbosa (UNISINOS) e Guilherme Nicolini Pires Masi (UFRGS), em 08 de outubro de 2015.

- 3ª revisão realizada por 1º Sargento Ianko Bett (MMCMS) e Marcus Vinicius Barbosa (UNISINOS) e Guilherme Nicolini Pires Masi (UFRGS), em 22 de outubro de 2015.

Observação: as palavras grifadas com “PNI” significam “Palavras Não Identificadas”, devido à dificuldade de entendimento gráfico. Resolvemos, também, não alterar a linguagem original, com possíveis erros de ortografia e gramática.

¹⁰ CUNHA, 2009. pp. 259-260.

¹¹ CUNHA, 2009, p.260.

deste campo intelectual a partir das renovações advindas da academia, especificamente nas contribuições da Nova História Cultural e seus campos de análise relativos à História das Sensibilidades. Tendo, enfim, como objeto de análise, diários de brasileiros veteranos da 2ª Guerra Mundial.

O segundo capítulo recebe o título de “A guerra vivida e sentida por um soldado brasileiro” e inicia-se com um breve panorama das Forças Armadas brasileiras – tendo por ênfase o Exército – durante as décadas de 1930/1940, e como estas em conjunto com o Estado Novo, ansiavam por modernizar suas indústrias, arsenais e doutrinas. Lembrando que isto se dava frente a uma conjuntura internacional conturbada, e que levaria o país a engajar-se no conflito mundial, declarando Guerra aos países do Eixo, em 1942, e posteriormente a criação de uma Força Expedicionária, que combateria nos campos de batalha italianos, entre os anos de 1944-1945. Desta forma a sequência do capítulo é uma análise do diário de um 1º Tenente, Oficial de Transmissões do Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado da FEB. Esta análise se dá em cinco etapas, nas quais abordo, sob o viés da História das Sensibilidades, a viagem, a chegada e ambientação ao TO, os combates e a vida no *front*, e por fim, o curto período de ocupação. Introduzo, ainda, neste capítulo algumas cenas, nas quais me permiti fabular a respeito dos eventos narrados pelo diarista.

1. DIÁRIOS DE GUERRA E A NOVA HISTÓRIA MILITAR

1.1. DA HISTÓRIA MILITAR

A História Militar dos séculos XIX e início do XX, confundia-se com a “*História Geral*”¹², num paradigma cientificista que procurava funções sociais para a história tendo como ponto de vista epistemológico os fatos, o tempo e o sujeito histórico. O fato como unidade singular do acontecimento, se “concretizava em particular no grande feito militar e inevitavelmente nas suas consequências políticas”. O tempo histórico, linear, contínuo e irreversível, traduzia-se pela sequência de grandes acontecimentos. O sujeito histórico – “o herói” –, o homem de Estado, o chefe militar. Assim a “*escola das bandas marciais*” reduz suas interpretações à narrativa de campanhas militares “com todo o cuidado e requinte de um dobrado militar”¹³.

A concepção de História Militar assumida por gerações historiográficas atribuía como sua função primeira a didática, confundindo-se com a Teoria Militar, sendo observada pelos escritores (as) dos séculos XVIII e XIX, como uma “relação dos eventos com os princípios”, e resumida ao pensamento do general francês Maurice de Saxe (1696 – 1750):

[A História] devia propiciar lições práticas, pois, de outra forma, seria ‘inútil e sem proveito’. Focalizar-se a atenção nos aspectos dramáticos da batalha ou nos detalhes de uma campanha, em detrimento de outros fatores determinantes, conduziria, provavelmente, a uma visão das lições da História dariam origem a ‘novas e atraentes doutrinas, que seriam seguidas e sustentadas, até que alguma depressão ou catástrofe inesperada deixasse a descoberto os frágeis fundamentos sobre os quais se ergueram’¹⁴.

Pouco lembrada pelos historiadores(as) civis, ao longo do século XX a História Militar ficou restrita às casernas, resiliente às transformações teórico-metodológicas provenientes da academia. Claramente uma história feita por militares para militares¹⁵, tolhida de reflexões epistemológicas mais aprofundadas, sofreu (e ainda sofre) um processo de marginalização e burocratização. Enquanto as vanguardas acadêmicas adotavam uma interdisciplinaridade, na caserna a História Militar reproduzia-se de forma “tradicional” e “relatorial”, focando-se nos

¹² TEIXEIRA, Nuno Severiano. A História Militar e a Historiografia Contemporânea. A Defesa Nacional: Vol. 768, 1995.

¹³ LUVAAS, Jay. História Militar – O ponto de vista de um Historiador Clássico. In WEIGLEY, Russell F. Novas Dimensões da História Militar. Volume 1. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981-82, pp.39-40.

¹⁴ LUVAAS, 1981-82, p. 39.

¹⁵ TEIXEIRA, 1995, p. 59.

eventos históricos e em busca de um ideal objetivo e detentor da “verdade histórica”. Era fundamentalmente uma história política e militar, patriótica, legitimadora e comemorativa. Alijada das grandes transformações teóricas e metodológicas que transformaram o conjunto das Ciências Humanas ao longo do século XX, a produção historiográfica militar dá continuidade a uma escrita da arte militar como técnica de guerra e dos fatos gloriosos centrados nos heróis militares. É só a partir de meados da década de 1960 que alguns historiadores(as) civis timidamente voltam seus estudos para temas Militares. Contrária à visão Castrense, a academia passa a incorporar à História Militar outras ferramentas interpretativas, distanciando-a das tradicionais visões epistemológicas pertinentes às instituições militares.

Os anos de 1970-1980 marcam, para o conjunto das ciências humanas, o “boom” relativo à crítica da modernidade. O declínio de concepções estruturalistas e marxistas da história e o fomento a diálogos interdisciplinares abrem espaço para novas perspectivas teóricas e temáticas ligadas ao campo da História Social e da Nova História Cultural¹⁶. Abrem-se portas à cultura material, ao estudo de mentalidades, das tradições, das sensibilidades, das ideias, da memória, do poder, da classe, das mulheres, do gênero, das minorias, das etnias, de aspectos culturais e ideológicos. Novas perspectivas de análise relativas à sexualidade, ao nascimento, ao casamento, à criança, à velhice, à morte, à iconografia. Enfim, a “Nova História” colabora decisivamente para a transformação paradigmática, desconstruindo os objetos e os temas que pontuavam a investigação dos historiadores(as). Não cabe aqui discorrer sobre a evolução desta tradição historiográfica ocidental, contudo é preciso destacar que os adeptos da Nova História anseiam pela interdisciplinaridade dos estudos históricos, com a utilização de diferentes formas e fontes de pesquisa para além dos tradicionais documentos escritos, dando ênfase a novos protagonistas.

A despeito da desconfiança que nos remete à tradicional história militar, militarista, factual e legitimadora, à qual a historiografia militar esteve entrelaçada, a Nova História Militar chama-nos a atualizar uma pluralidade de memórias, conceitos e métodos. Ao incorporar-se à Nova História, apresenta incontáveis avanços, contribuindo, sobremaneira para a escrita da História, mostrando-se necessária para a compreensão da realidade.

De fato, se a história é tecida por homens [e mulheres], não é viável excluir da análise as orientações valorativas que permeiam uma determinada sociedade. Não parece possível compreender as relações entre homens [mulheres], no tempo,

¹⁶BURKE, Peter. A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

desvencilhando-se da dinâmica social em que estão inseridos e que atualizam a partir de suas ações. Especificamente para o caso militar, não é possível examinar fenômenos bélicos por eles mesmos, de forma totalmente abstrata, como se a sua natureza não estivesse pautada em sujeitos sociais.

Assim, consenso no meio acadêmico é que se torna inviável pensar fenômenos sociais, como a guerra, sem o estabelecimento prévio de estreitos vínculos com estruturas maiores, sujeitas a uma dinâmica específica e histórica, como a sociedade e a cultura.¹⁷

O historiador Nuno Severiano Teixeira nos alerta da existência de ao menos duas tendências distintas dentro da história militar: “a primeira apontando para o estudo interno da organização militar e, em particular, do núcleo duro que é a batalha e o combate; a segunda, para o estudo da guerra, em contexto, e, conseqüentemente, da relação militar-civil e guerra-política”¹⁸. Ou seja, entre a história dos militares e a história militar. Havendo uma relação recíproca entre os historiadores e os militares – “se a renovação foi marcada pelo retorno dos historiadores ao fenômeno militar, foi-o também pelo abandono do “*événementiel*” por parte dos militares”¹⁹. Prima-se pela colaboração entre civis e militares que se materialize institucionalmente nas comissões nacionais de história militar.

Desta forma é imprescindível perceber a história militar integrante de um conjunto cultural e imerso em todas as articulações sociais, e não apenas num contexto político. Embora a tradição historiográfica referente à “Nova História” rejeite dividir a história em política, diplomática, econômica, militar etc., faz-se necessário redefinir os parâmetros da “*Nova História Militar*”.

1.2. DA NOVA HISTÓRIA MILITAR

De tal forma, o contexto de transformações paradigmáticas projeta-se sobre a historiografia militar, trazendo à tona um novo campo de conhecimento denominado *Nova História Militar*. Este campo de estudos desvincula-se de sua temática exclusiva – *Guerra* –, para abarcar novos temas e objetos, novos sujeitos, conceitos e abordagens. A “Nova História Militar” assume então que os militares e suas instituições “não se encontram isolados da

¹⁷ LOUREIRO, Marcello José Gomes. A produção da história militar recente: desafios e perspectivas. In: III Seminário de Estudos: Poder Aeroespacial e Estudos de Defesa. Programa de pós-graduação em Ciências Aeroespaciais – UNIFA. Rio de Janeiro, 2010, v. I. p. 113. Disponível em: <https://www.unifa.aer.mil.br/posgrad/docs/anais_iii_seminario_2010.pdf> Acesso em 20 novembro 2015.

¹⁸ TEIXEIRA, Nuno S. A história militar e a historiografia contemporânea. In Revista A Nação e a Defesa. Lisboa: Instituto da Defesa Nacional, 1991, ano XVI, nº 59, pp. 53-71. p. 71.

¹⁹ TEIXEIRA, 1991, p. 70.

sociedade abrangente, embora possam guardar uma relativa autonomia em alguns aspectos e épocas específicas”.²⁰

[...] a historiografia militar tradicional naturalizava o comportamento humano e as instituições militares, tornando-os, em última instância, a-históricos. Isso ocorria, segundo os críticos, porque não havia interesse em se compreender o comportamento e as instituições militares em seus contextos sociais, políticos, econômico e cultural.²¹

A “Nova História Cultural” beneficiou, sobremaneira, o estudo da história militar, não apenas pela produção civil, mas também nas instituições militares. Para Amanda Pinheiro Mancuso²² a possibilidade de usos da história militar nas instituições castrenses assume novas formas. Levando-se em conta “que a vocação militar se torna uma profissão pelo acúmulo de experiências que promoveriam um conjunto de conhecimentos profissionais” e que “a guerra, em sua realidade, não é algo que se possa criar ou simular em sua totalidade para fins de treinamento”, a história militar seria o meio de acumular tais experiências. Desta forma Mancuso associa-se ao pensamento de Samuel Huntington²³ que explica:

(...) na visão militar, o homem só aprende pela experiência. Se tem pouca oportunidade de aprender pela própria experiência terá então de aprender pela experiência dos outros. Daí o gosto do militar pelo estudo da História. Pois a História é, na frase de Liddell Hart, “a experiência universal”, e História Militar, como disse Moltke, “é o meio mais eficaz de ensinar guerra em tempo de paz”. Desse modo, a ética militar dá grande valor ao estudo metódico e objetivo da História. Mas a História só tem valor para o militar quando é aproveitada para desenvolver princípios capazes de futura aplicação.²⁴

Não se trata de aprender as “lições da história” como defendiam as escolas tradicionais, pelo contrário, a história militar assume valores práticos preponderantes na formação intelectual dos militares, sendo ideal para o treinamento, “uma vez que proporciona uma experiência indireta de grande valor pela sua variedade e extensão”. Mancuso ressalva ainda que, “como toda experiência, os benefícios dependerão da amplitude e do método utilizado em seu estudo”²⁵, nesse sentido a história militar exerce a importante função de elemento de doutrinação de oficiais. Ou seja, como meio de ensino de “valores intrínsecos e do modo de vida ao qual terão que se adaptar, justificando-se a seleção de dados e

²⁰ CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor e KRAAY, Hendrik (orgs.). Nova História Militar Brasileira. RJ: FGV, 2004. p. 12.

²¹ LOUREIRO, 2010, p. 112-113.

²² MANCUSO, Amanda Pinheiro. A História Militar: notas sobre o desenvolvimento do campo e a contribuição da História Cultural. Revista História em Reflexão: Vol. 2 n. 4 – UFGD - Dourados jul/dez, 2008.

²³ HUNTINGTON, Samuel. O soldado e o Estado. Teoria e política das relações entre civis e militares. Rio de Janeiro: Bibliex, 1996. p. 82.

²⁴ MANCUSO, 2008, p.5.

²⁵ MANCUSO, 2008, p.5.

informações de forma a promover uma interpretação idealizada dos acontecimentos”²⁶. Embora esta visão seja criticável do ponto de vista acadêmico, a autora salienta que “essa é uma característica que pode ser encontrada em toda produção historiográfica e não somente na militar”²⁷.

Para historiadores com experiência como soldados profissionais tais como Liddell Hart e Michael Howard, essa utilização da história militar é perfeitamente natural. Já para o historiador que segue o caminho inverso, ou seja, que passa da vida acadêmica para os estudos militares, é necessário superar certo ceticismo sobre o uso que pode ser feito de seus estudos, devido principalmente ao medo do círculo acadêmico de que seu trabalho possa ser usado de forma propagandística. No entanto, esse medo hoje vem desaparecendo não só pela ampliação da temática e dos centros de estudos desvinculados da prática oficial, como também pela percepção dos próprios pesquisadores de que os problemas a que essa história está sujeita incidem sobre toda a produção historiográfica e, portanto, desde que contornados, sua produção pode servir como recurso e objeto de análise válido²⁸.

É indispensável compreendermos que tanto as guerras, quanto as instituições militares são fenômenos dinâmicos e históricos, cabendo ainda aos interesses da Nova História Militar as “práticas de Ensino Militar, do processo histórico de formação da identidade militar moderna, da teoria e metodologia da História Militar, da história da modernização militar, História e Memória militar e etc”²⁹. Ao encontro deste raciocínio, Teixeira argumenta sobre os significados da expansão no campo historiográfico militar:

[...] não o aprofundamento de alguns temas tradicionais, mas, sobretudo, o deslocamento dos centros de interesse: no domínio estritamente militar, da estratégia e das operações táticas para a logística, a medicina militar e, sobretudo, a experiência do combate – o moral do combatente, os movimentos de dissidência, os motins e a deserção, a experiência do cativo de guerra; por outro lado, o estudo da “frente interna”, isto é, da sociedade em guerra – da mobilização industrial à organização da propaganda, do crescimento do Estado à opinião pública, do recrutamento militar à fabricação da memória e à construção dos mitos.³⁰

A par disso cabe destacar que há outros interesses da Nova História Militar que podem não ser necessariamente interessantes à experiência teórico-militar, ou seja, a operacionalidade militar, mas que são de enorme pertinência para a instituição militar, para o Estado Nacional e para a sociedade em geral. Hodiernamente os estudos abarcam os espaços de conflito, as relações entre militares, iconografia militar e os símbolos, tradições e canções, discursos e memórias. E também, temas como a cultura militar, as políticas, imaginários,

²⁶ MANCUSO, 2008 p. 6.

²⁷ MANCUSO, 2008 p. 6.

²⁸ MANCUSO, 2008, pp. 6-7.

²⁹ MORAIS, 2013, p.7.

³⁰ TEIXEIRA, 1991, p.70.

identidades e sentimentos dos combatentes, as formas de recrutamento e estudos de gênero nas Forças Armadas. Enfim, são múltiplos os enfoques temáticos que aprimoram a produção textual e o debate decorrente.

Sob este viés metodológico, Teixeira atribuiu novos valores aos fenômenos históricos de natureza militar que se tornaram objeto de estudo do historiador(a) militar. Em amplos termos a Nova História Militar alinha-se com os novos paradigmas da historiografia, explicitando-se no alargamento de seus campos ao incorporando novas problemáticas trazidas de outras áreas do saber – Sociologia, Ciências Políticas, Relações Internacionais, pensamento estratégico, Políticas de Defesa Nacional, etc – bem como teorias, métodos e técnicas destas ciências. Desta forma os historiadores(as) que seguem pelos caminhos da Nova História Militar distanciam-se daquela função “legitimadora, patriótica e comemorativa” e assumem novas posturas:

[...] eminentemente técnicas que, para além de outras finalidades, sirva a formação dos quadros militares e, não de todo despiciendo, o seu contributo para a resolução de problemas de nosso tempo, na esteira do que dizia Lucien Febvre: (...) a história era a ciência do passado tanto quanto ciência do presente, bem assim quando Marc Bloch dizia que se deveria compreender não só o passado pelo presente, mas também o presente pelo passado, pois passado e presente poderiam e deveriam iluminar-se reciprocamente.³¹

1.3. SENSIBILIDADES EM DIÁRIOS DE GUERRA

A singularidade dos campos estudados pela Nova História Militar transborda o perfil multidisciplinar, esparramando seus interesses não apenas sobre as lógicas próprias das Instituições Militares, privilegiando reflexões sobre as diferentes formas de se viver e pensar a experiência militar e suas relações com a sociedade e com o poder político. Dedicar-se, também, aos militares de hoje, ao modo como constroem suas relações internas e com o mundo civil, gerando análises mais depuradas sobre os militares do passado, além de produzir um rico debate metodológico.

Como qualquer outra prática historiográfica, a História Militar é produzida a partir de linhas referenciais teórico-metodológicas seguidas por cada historiador(a). Escreve-se da variedade de pontos de vista condizentes com interesses, finalidades, hipóteses e especificidades da investigação. Assim:

A noção de História e o conceito de guerra não são os mesmos em todas as culturas e muito menos não são auto evidentes aos historiadores. Portanto, o historiador da nova história militar não deve trabalhar o conceito de guerra como um conceito

³¹ TEIXEIRA, 1991, p.70-71.

absoluto, mas sim, como um conceito histórico relativo e instrumental pautado por uma metodologia específica.³²

O historiador inglês John Keegan³³ trata tanto a Guerra como os confrontos militares como fenômenos cujo cerne é cultural, repensando a concepção da historiografia tradicional, isto é, como um mero fenômeno do Político-Econômico. Para este autor o fenômeno da Guerra não se reduz a famosa expressão de Carl Von Clausewitz “a guerra nada mais é do que a continuação da política por outros meios”.³⁴ Keegan subtrai-se da análise essencialmente política, enxergando a guerra como uma “[...] expressão de cultura, com frequência um determinante de formas culturais e, em algumas sociedades, é a própria cultura”³⁵. Para o autor, à concepção clausewitziana estaria implícita “existência de Estados, de interesses de Estados e de cálculos racionais de como ele poderia ser atingido”³⁶, desta forma nos alerta que o fenômeno da guerra, além de preceder a existência dos Estados Modernos, em muitos milênios, produz ela mesma cultura, cria imagens, estabelece identidades, elabora metáforas que serão por vezes fundamentais às próprias sustentações dos regimes políticos. Ou seja, o autor propõe que pensemos na Guerra como parte da cultura humana e, ao pensarmos em cultura, pensarmos num grande conjunto de comportamentos humanos.

Em resumo, é no plano cultural que a resposta de Clausewitz à pergunta “o que é a guerra” é falha. Isso não é de forma alguma surpreendente. Todos nós achamos difícil tomar distância suficiente de nossa própria cultura para perceber como ela faz de nós como indivíduos, o que somos.³⁷

Como corrente historiográfica a História Cultural agrega um amplo espectro de campos temáticos e diversidade de objetos de pesquisa. Abrange tudo o que é sentido e concebido, não sendo apenas pura irracionalidade. De tal maneira, assume-se que as categorias psicológicas e intelectuais devem ser historicizadas, mostradas e evidenciadas. Enfim, tudo que funciona como condicionamentos inconscientes e interiorizados e que formam um sistema, ou melhor, tudo aquilo que faz com que ajamos sem com que nos demos conta de que é o que está nos levando a agir.

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a

³² PARENTE, 2009, p. 2.

³³ KEEGAN, John. Uma história da guerra. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

³⁴ KEEGAN, 2006, p.18.

³⁵ KEEGAN, 2006, p.30.

³⁶ KEEGAN, 2006, p. 18.

³⁷ KEEGAN, 2006, p. 18.

apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoantes às classes sociais ou os meios intelectuais são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.³⁸

Aproximar-se da problemática da guerra como fenômeno da cultura, como propõem Keegan, implica não no abandono, como irrelevante, daquela perspectiva clausewitziana, mas na sua consideração dentro de um conjunto muito mais amplo de variáveis incidentes sobre os conflitos. Pensar na *Guerra* como um conflito pluridimensional, parte da cultura, permite-nos pensar numa das principais questões da História Cultural.

Capturar as razões e os sentimentos que qualificam a realidade, que expressam os sentidos que os homens, em cada momento da história, foram capazes de dar a si próprios e ao mundo, constituiria o *crème de la crème* da história! Eis o grande desafio, se poderia dizer, para esta corrente historiográfica que trabalha as representações que os homens, através do tempo, construíram sobre si próprios e o mundo e que são, por vezes difíceis de ser abordadas ou mensuradas.³⁹

Na perspectiva da Cultura, Chartier afirma que esta análise pode ser realizada a partir da relação interativa das noções de práticas e representações. Desta forma, os objetos culturais como o diário aqui analisado, são produzidos entre essas “práticas e representações”, bem como os sujeitos produtores – o militar. Segundo José D’ Assunção Barros:

As noções complementares de “práticas e representações” são bastante úteis, porque através delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos como os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive mediante a consolidação de seus costumes.⁴⁰

Ao assumirmos o diário como um objeto cultural, é nos possível enxergar em suas entrelinhas os “modos de ver” a campanha da Itália na ótica de um Tenente, Oficial de Transmissões do Esquadrão de Reconhecimento da FEB. Mas, além disso, nos proporciona um acesso às formas pelas quais este soldado expressou suas sensibilidades frente àquela realidade. Mas o que seriam essas sensibilidades, e como podemos apreendê-las? Sensibilidade⁴¹ é um conceito em grande medida usado pelo senso comum, e incorpora pelo menos dois grandes campos que constituem a realidade da existência humana, tendo sensibilidade a ver, grosso modo, com o corpo e com a mente. A História das Sensibilidades

³⁸ CHARTIER, Roger. História Cultural: Entre práticas e representações. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, pp. 16-17.

³⁹ PESAVENTO, 2007. p.12.

⁴⁰ BARROS, José D’ Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005, p. 135.

⁴¹ Minicurso ministrado por Durval Muniz de Albuquerque Junior na ANPUH de 2013.

trata destas duas dimensões, tanto da relação com o mundo mediado pelo corpo – pelos órgãos de sentido – quanto à relação mediada pelos sentidos culturais, linguisticamente constituídos, afeitos ao simbólico.

A primeira dimensão que defino aqui é a corporal. Esta consiste na realidade fundamental dos seres humanos, a de serem seres incorporados, seres encarnados. De existirem numa dimensão concreta, material, física, química e biológica. Enfim, “pode se dizer que, a partir de uma dimensão primeira que é a do corpo em contato com o real, se estabelece uma relação de presença ou doação do real sobre os indivíduos, que não ficam indiferentes aos estímulos”.⁴² E a partir do corpo que os seres humanos constroem todas as suas relações com o entorno, como o mundo, com os outros corpos, com a sociedade de corpos que estão inseridos. Assim sendo, o corpo humano é uma espacialização a partir da qual o “ser” se relaciona com o mundo e, mediado pelo corpo, através de sentidos, entra em contato com outros “seres”.⁴³ A palavra sensibilidade tem, portanto uma relação direta com a existência de sentidos, sendo que o sensível, do ponto de vista corporal, dá-se pelo fato de termos sentidos como tato, visão, audição, olfato e paladar. Atribuímos, assim, sentido com os órgãos dos sentidos, mas fazemos sentido com os conceitos. Definimos e significamos através de um universo simbólico com o qual imaginamos e nomeamos os seres e as coisas com as quais nos relacionamos.

As sensibilidades são uma forma de apreensão e de conhecimento do mundo para além do conhecimento científico, que não brota do racional ou das construções mentais mais elaboradas. Na verdade, poderia se dizer que a esfera das sensibilidades se situa em um espaço anterior à reflexão, na animalidade da experiência humana, brotada do corpo, como uma resposta ou reação em face da realidade. Como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade se traduz em sensações e emoções, na reação quase imediata dos sentidos afetados por fenômenos físicos ou psíquicos, uma vez em contato com a realidade.

Mas, ao mesmo tempo, as sensibilidades correspondem também às manifestações do pensamento ou do espírito, pela qual aquela relação originária é organizada, interpretada e traduzida em termos mais estáveis e contínuos. Esta seria a faceta mediante a qual as sensações se transformam em sentimentos, afetos, estados da alma. Ou, em outras palavras, este seria o momento da percepção, quando os dados da impressão sensorial seriam ordenados e postos em relação com outras experiências e lembranças.⁴⁴

⁴² PESAVENTO, 2007. p.12.

⁴³ Segundo Pesavento, 2007, “os sentidos são afetados e provocam sensações, ou seja, eles expressam uma atividade reativa, anterior à capacidade reflexiva, e que marca uma modificação no equilíbrio entre este ser e o mundo. As sensações, fenômenos da ordem da sensibilidade, são imediatas e momentâneas e podem ser definidas como a capacidade de ser afetado por fenômenos físicos e psíquicos, em reação dos indivíduos diante da realidade que os toca”. (p.12).

⁴⁴ PESAVENTO, 2007. p.10.

A significação é aprendida socialmente. Os sentidos são culturalmente estabelecidos, são códigos complexificados pela sociedade em que vivemos. Complexificamos todas as coisas que são naturais, pois submetemos o que é natural a códigos sociais e culturais, construindo toda uma série de códigos do viver. Os sentimentos são aprendidos socialmente, é um aprendizado social. Ora, não estamos soltos num “espaço/tempo”, mas imersos num universo cultural que nos coloca limites e nos educa. É este “universo cultural” que nos ensina a sentir e a expressar nossos sentimentos.⁴⁵

Este processo de apreensão e reconhecimento do mundo se dá através da percepção, “ato pelo qual o indivíduo organiza as sensações que se apresentam, interpretando e complementando por imagens, lembranças, experiências”⁴⁶. Enfim, a percepção é uma elaboração reflexiva, mas não necessariamente guiada por lógicas racionais. Para Pesavento a percepção, é elemento integrante da faculdade cognitiva das sensibilidades, que “ajusta e ordena” as sensações, o que não implica que se submetam só as normas da razão. Assim a História das Sensibilidades constitui-se de uma “aventura da individualidade”⁴⁷, que se aplica tanto aos estados afetivos, como aos “sentidos”, enquanto meio de percepção.

A percepção constrói um mundo qualificado através de valores, emoções, julgamentos. É capaz de produzir o sentimento, que é uma expressão sensível mais durável que a sensação, por ser mais contínua, que perdura mesmo sem a presença objetiva do estímulo. Assim, a sensibilidade consegue, pela evocação ou pelo rememorar de uma sensação, reproduzir a experiência do vivido, reconfigurado pela presença do sentimento.⁴⁸

As sensibilidades se apresentam “como operações imaginárias de sentido e de representações do mundo, que conseguem tornar presente uma ausência e produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecido”.⁴⁹ Desta forma a História das Sensibilidades emula uma “espécie de assalto ao mundo cognitivo”, ao lidar com as “sensações, com o emocional, com a subjetividade, com os valores e os sentimentos, que obedecem a outras lógicas e princípios que não os racionais”⁵⁰. Para Pesavento é indiferente que as representações sensíveis se refiram a algo tangível e intangível, “[...] o que se coloca

⁴⁵ Em primeiro lugar porque aprendemos um conceito que inicialmente não sabemos, aprendemos o que estamos sentindo é raiva, ódio, amor, saudade, enfim. Aprendemos ouvindo alguém nos dizendo o que estamos sentindo, do contrário sentimos, mas não sabemos dizer. Em segundo lugar, só sentimos aqueles sentimentos que temos códigos linguísticos para expressar. E isso é um aprendizado, os sentimentos são um aprendizado social.

⁴⁶ PESAVENTO, 2007. p.12.

⁴⁷ WEBER SANTOS, Nádía Maria; Narrativas da loucura e história de sensibilidades; Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008. p. 42.

⁴⁸ PESAVENTO, 2007. p.13.

⁴⁹ PESAVENTO, 2007. p.15.

⁵⁰ PESAVENTO, 2004.

na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação”.

O mundo do sensível é difícil de ser quantificado, mas é fundamental que seja buscado e avaliado pela História Cultural. Ele incide justo sobre as formas de valorizar, de classificar o mundo, ou de reagir diante de determinadas situações e personagens sociais. Em suma, as sensibilidades estão presentes na formulação imaginária do mundo que os homens produzem em todos os tempos.⁵¹

Os historiadores(as) podem estudar os sentimentos, porque os sentimentos são sociais e, não exclusivamente individuais, embora haja um ponto de vista individual para cada sentimento. Lidamos com sentimentos codificados socialmente, inclusive sendo codificada a expressão, ou melhor, a forma que expomos estes sentimentos. É-nos possível, também, fazer uma História dos Sentidos porque eles têm aquela qualidade que todas as coisas possuem que é a de serem históricos, ou terem historicidade. Historicidade como sendo aquela qualidade interna das coisas de (ou noções, ou conceitos) de se desgastarem e se modificarem com o tempo, de não ficarem imunes à passagem do tempo, sendo assim afetadas por ele.

A história cultural tem se empenhado, entre outras coisas, a resgatar estas tais sensibilidades do passado, ou as práticas culturais do sensível, através de marcas que deixam nos materiais de arquivo, nas artes, na literatura. Estes seriam, por assim dizer, os indícios ou pegadas, deixados pelo homem e que se oferecem à leitura, desde que iluminados por uma pergunta ou questão. Em todas elas é possível encontrar registros da alma, traços do mundo sensível de uma outra época.⁵²

Desta forma o que se pretende aqui vai ao encontro das propostas que Sandra Pesavento nos ensina. Pensar no Diário de Guerra de um soldado da FEB nos leva a voltarmos nossos olhares para o estudo do indivíduo e da sua subjetividade, de suas trajetórias na vida, enfim. É também lidar com a vida privada e com todas as suas nuances e formas de exteriorizar – ou esconder – os sentimentos.

Cabe ao historiador encontrar a tradução externa das tais sensibilidades geradas a partir da interioridade dos indivíduos. Ou seja, mesmo as sensibilidades mais finas, as emoções e os sentimentos, devem ser expressos e materializados em alguma forma de registro passível de ser resgatado pelo historiador. Coloca-se, pois, aquele requisito básico para a tarefa do fazer história: é necessário que a narrativa se fundamente no que se chama de marcas de historicidade, ou as fontes ou registros de algo que aconteceu um dia e que, organizados e interpretados, darão prova e legitimidade ao discurso historiográfico.⁵³

⁵¹ PESAVENTO, 2007, p. 21.

⁵² PESAVENTO, 2007, p.15.

⁵³ PESAVENTO, 2007, p.19.

Na clave destas propostas o gênero literário do diário ascende a valioso instrumento para a compreensão das sensibilidades de vidas cotidianas, pois trazem ao presente expressões de sentimentos que permitem rastrear muitas das maneiras de viver e pensar de diferentes épocas. Os diários revelam a consciência do diarista, que está presenciando uma época histórica, indicando uma visão ampla da vida do diarista, “que ao escrever seu diário o faz para além de seus dias atuais, tendo o desejo, mesmo que inconsciente de deixar um relato sobre o que está vivendo”.⁵⁴

Tomar conhecimento, hoje, do teor dessas escritas e desses registros permite pensar nas diferentes formas pelas quais se dá a *constituição da subjetividade* partindo da análise dos modos pelos quais o sujeito narra sua vida. Indubitavelmente, os diários são *locus de subjetivação*, no qual o indivíduo, ao narrar seu cotidiano e sua passagem pela vida no tempo histórico, delinea, também uma configuração de si mesmo em contraponto com o mundo que o rodeia.⁵⁵

A escrita, quando usada para contar, conserva e guarda a experiência humana, salva do esquecimento e fixa no tempo vestígios do passado. Escrever constitui uma forma de produção de memórias, uma forma de construção de passados⁵⁶. Quando se escreve sobre si, de forma a imaginar uma unidade lógica e linear da vida, também se produz uma invenção literária a partir de experiências reais, objetivas e subjetivas. Desta forma, os diários – e aqui especificamente os diários de guerra – nos possibilitam uma ótima fonte de investigação histórica, sobretudo porque apresentam uma grande carga de subjetividade.

Simultaneamente o diário revela-se um interlocutor, pois comunga com o diarista em suas autorreflexões. Constitui o que Maria Teresa Cunha chama de “escrita de si”⁵⁷, onde o diarista registra seus pensamentos (por vezes) mais íntimos, mas que não tem função outra, que não aquela de externar uma reflexão pessoal para “si”. O diarista é, então, seu próprio interlocutor. Mas a narrativa de si só pode ganhar sentido se costurada a uma narrativa do entorno de si, ou seja, o ‘meio social’. Desse modo, o soldado ao contar sua vida pessoal, elaboraria um vaivém entre o “eu” e o contexto – a guerra – e, logo, ao refletir sobre si mesmo, também construiria uma narrativa de sua época. A escrita de si pode ser vista como história espontânea, amadora, mas que constitui um sem número de indícios históricos, tecendo uma gama de temas que dizem respeito ao domínio da vida social e privada. Nas

⁵⁴ CUNHA, 2015, p. 262.

⁵⁵ CUNHA, 2015, p. 271.

⁵⁶ CUNHA, 2015, p. 251.

⁵⁷ CUNHA, 2015, p. 273.

entrelinhas desta escrita aparece a coletividade que circunda e condiciona o soldado, mas que ao mesmo tempo o força a falar umas coisas e a calar-se sobre outras.

A escrita de si permite a quem escreve construir uma relação consigo mesmo e o diário pessoal como ação e como produto constitui este lugar de confrontação do sujeito com ele mesmo. Através do diário, o escrevente se representa a si mesmo, se autoexamina, no tempo de sua própria história e busca argumentos para construção de seu futuro [...] a escrita do diário é instrumento de individualidade, da construção de subjetividades e, portanto, da consciência do eu privado⁵⁸.

Ao encontro do pensamento de Cunha, Cláudia Jahnne⁵⁹ atribui ao diário uma necessidade do diarista em buscar uma auto-proteção, “abrindo um espaço para as próprias fantasias e sonhos sem que alguém possa interferir, sublinhando o significado do ato de escrever para se manter um resto de dignidade humana em situações que levam o homem à margem de sua existência”. O ato de transformar uma experiência em literatura, ou seja, o ato de escrever um diário ajuda na superação desta. A experiência é “submetida ao poder do autor que, na sua criação literária, pode mudá-la, recriá-la ou até reinventá-la”. Porém, isso não quer dizer que se fabrica ficção pura, mas sim, um entrelaçamento entre o que foi e o que memória e a narrativa permitem dizer.

Não se pode esquecer que, no caso em análise nessa pesquisa, as provocações que geram os pensamentos que por sua vez dão conteúdos aos escritos diários são os acontecimentos de uma guerra que impacta não só os sentidos físicos, mas os valores e ideias de um soldado. Em seu diário, Sólon objetiva suas reações subjetivas, transcreve seus pensamentos e emoções originados nos diferentes momentos vividos. E, neste aspecto, os diários de guerra dos veteranos brasileiros que combateram na 2ª Guerra Mundial, transmitem claramente o “espírito militar” de cada um. Demonstrando, cada um a seu modo, os acontecimentos, suas visões e interpretações da guerra, com detalhes pitorescos, poucas vezes trabalhados pela historiografia. Assim, nos é possível, também, percebermos o “vir a ser” destes soldados brasileiros.

Os soldados não são como os outros homens – eis a lição que aprendi de uma vida entre guerreiros. Essa lição fez-me considerar altamente suspeitas todas as teorias e representações da guerra que a colocam no mesmo pé de outras atividades humanas. A guerra está indiscutivelmente ligada à economia, à diplomacia e à política, como demonstram os teóricos. Mas a ligação não significa identidade ou mesmo semelhança. A guerra é completamente diferente da diplomacia ou da política porque precisa ser travada por homens cujos valores e habilidades não são os dos políticos e diplomatas. São valores de um mundo à parte, um mundo muito antigo, que existe paralelamente ao mundo do cotidiano, mas não pertence a ele. Ambos os mundos se alteram ao longo do tempo, e o do guerreiro acerta o pé com o do civil.

⁵⁸ CUNHA, 2015, p. 273.

⁵⁹ JAHNNEL, 2002, p. 5.

Mas o segue à distância. Essa dinâmica nunca pode ser eliminada, pois a cultura do guerreiro jamais pode ser a da própria civilização. Todas as civilizações devem suas origens ao guerreiro; suas culturas nutrem os guerreiros que a defendem, e as diferenças entre elas farão os guerreiros de uma muitos diferentes externamente dos da outra.⁶⁰

Mas não tratemos a ideia de “espírito militar” como algo relativo à “consciência coletiva” ou “espírito de grupo”. Mas naquela concepção que Celso Castro nos traz, e que é aquela como um “sistema segmentário” cuja relatividade estrutural existe da oposição entre “uma divisão e oposição de seus segmentos” e uma “fusão com outros segmentos de sua própria ordem em oposição a segmentos maiores”. Ou seja, “espírito militar” são ações recíprocas de indivíduos, em suas interações, que criam uma identidade que “passa a ser vista como construção ideal, necessárias para que militares, num caso, e cientistas sociais, no outro, possam interpretar e classificar a realidade”.⁶¹ Refuta-se, assim, a concepção de identidade como algo constante e imutável, que caracterizaria alguém ou um grupo em detrimento de outro.

⁶⁰ KEEGAN, 2006, pp. 16-17.

⁶¹ CASTRO, 2004, p.100.

2. A GUERRA VIVIDA E SENTIDA POR UM SOLDADO BRASILEIRO

Cena 1- Prólogo: Ovo de cobra

Anoitecera o dia 15 de agosto do ano de 1942. Sob o comando do Capitão-de-longo-curso João Soares da Silva, o “Beapendi” singrava as águas do litoral nordestino com destino a Maceió, sua próxima escala. Havia partido do Rio de Janeiro, com 306 pessoas a bordo, 73 tripulantes e 233 passageiros, dentre eles muitas crianças.

Não sabendo terrível destino que os aguardava, os passageiros do navio jantavam ao som de uma orquestra, quando um forte estampido deixa todos envoltos pelo breu. Instantes depois, outro forte estampido. Um incêndio rapidamente toma conta do navio, em pânico muitos não conseguem escapar das chamas. Adernando a boreste, lado no qual ocorreram as explosões, o Beapendi é rapidamente tragado pelas águas, levando para o fundo a vida de 270 brasileiros. Não se tratava de uma falha de equipamentos ou uma ordem mal executada por um dos tripulantes.

Era aproximadamente 19h15’, o oficial da *Kriegsmarine*, capitão-de-corveta Harro Schacht⁶² acabara de ordenar o torpedeamento de navio de bandeira brasileira. Dois torpedos de trezentos quilos de explosivos cada – seriam capazes de soçobrar um grande navio de guerra. A ordem é executada com sucesso, um dos torpedos atinge diretamente a casa das caldeiras o outro acerta em cheio o tanque de combustíveis. Era uma ação de guerra, da maior guerra já conflagrada pela humanidade, e que chegava ao Brasil de maneira trágica.

Dias mais tarde, em uma reunião entre o presidente Getúlio Vargas e seu alto escalão ministerial, decide-se por fim declarar estado de beligerância contra os países do Eixo, Alemanha e Itália. O Brasil estava definitivamente em guerra.

Estes não são apenas fatos isolados, se inserem num contexto muito mais amplo e complexo, o da Segunda Guerra Mundial. A guerra europeia, oficialmente deflagrada no dia 1º de setembro de 1939, quando as Forças Armadas alemãs invadiram a Polônia, atinge proporções globais alcançando homens, mulheres e crianças dos cinco continentes.

2.1. DA GUERRA

O Brasil, coadjuvante na política mundial, vivia, desde o início dos anos 1930, amplas transformações culturais, sociais, políticas e econômicas, marcadas pela vitória do movimento tenentista dos anos 1920, personificada na figura emblemática de Getúlio Dorneles Vargas.⁶³

⁶² Segundo José Goes de Araujo o principal responsável pelos afundamentos de agosto de 1942 foi o U-507, comandando pelo capitão-de-corveta Harro Schacht, que torpedeou os seguintes navios: *Baependi*, *Araraquara*, *Aníbal Benévolo*, *Itagiba* e o *Arara*. Haveria ainda o afundamento de uma escuna, *Jacira*, que, por acaso e infelicidade, cruzaria a rota do submarino alemão a 19 de agosto do mesmo ano. O U-507 seria afundado no dia 13/01/1943, na costa do Piauí, por um avião *Catalina* norte-americano.

⁶³ Destacadamente a atuação da missão militar francesa, e dos chamados “jovens turcos”, no início dos anos 1920, foi fator preponderante para a jovem oficialidade brasileira ascender a uma consciência crítico-analítica das instituições em que atuavam. Criticavam tanto as condições individuais dos oficiais, como o caso da progressão na hierarquia militar e carreira, quanto as condições organizacionais dentro das instituições militares, a exemplo da formação profissional deficiente, incompetência das chefias, falta de renovação do quadro de oficiais superiores. Esta última relacionada ao estado do sistema mais inclusivo, ou seja, ao regime liberal

Seminal para a compreensão das definições do papel da organização militar na sociedade brasileira, especialmente o protagonismo do Exército, a década de 1930 seria marcada pelo último “ciclo de pronunciamentos isolados de guarnições e corpos do exército”.⁶⁴ De acordo com as interpretações de Edmundo Campos Coelho, o “Estado Novo não fora instituído para favorecer as classes militares, mas para organizá-las, livrá-las das incursões do partidarismo político, aparelhá-las, discipliná-las espiritualmente para seu imenso e árduo labor técnico”.⁶⁵

Dispondo de efetivos na ordem aproximada de 60 mil homens, distribuídos pelas inúmeras unidades espalhadas por todo o território nacional, o Brasil importava a maioria de seus equipamentos militares, que além de serem antiquados, eram em número insuficiente para atender às novas exigências.⁶⁶

A coesão das Forças Armadas era dada pelo acordo em torno de um objetivo geral: a modernização do país pela via autoritária. Mas os pontos de vista dos militares, no que diz respeito às relações com grandes potências, a um projeto de desenvolvimento econômico com maior ou menor autonomia variavam de acordo com os grupos e as inclinações pessoais.⁶⁷

Avalista do Estado Novo (1937), “um regime militar em sua essência” o Exército demonstrou-se coeso num alto grau de disciplina e de efetividade dentro do seu sistema de comando. A associação Exército-Estado expressava-se numa doutrina militar de efeitos duradouros, cabendo destaque aos pensamentos do General Pedro Aurélio de Góes Monteiro, “de cultura política superior à média dos oficiais de sua geração, adquirida por esforço de autodidatismo [sendo] o principal inspirador e articulador do Estado- Novo e homem forte do regime”⁶⁸, cuja visão seria a essência da chamada “Doutrina de Segurança Nacional” (DSN) promovida 20 anos depois, pelo regime militar.

Mas, além disso, é preciso sublinhar a conjuntura mundial da década de 1930, um período intensas negociações externas, ou seja, de intensa atividade diplomática envolvendo Brasil, Estados Unidos e Alemanha. As relações entre o Brasil estado-novista e a Alemanha nazista, nos anos de 1930, nos mostra que a amistosidade dos regimes tendia a se tornar cada

corrompido e os sucessivos governos com suas contínuas crises. Em decorrência destes fatores teriam propiciado os movimentos contestatórios de 1922 e 1924, ou melhor, os movimentos tenentistas. Vencedores da Revolução de 1930, os “tenentes” propunham reformas tanto em setores internos à caserna, quanto externos. Buscando maior uniformização no atendimento das necessidades das várias regiões do país, alguns planos de instalação de uma indústria básica (especialmente a siderúrgica) e um programa de nacionalização que incluía as minas, os meios de transporte e de comunicação e a navegação de cabotagem.

⁶⁴ COELHO, 2000, p.122.

⁶⁵ COELHO, 2000, p.114.

⁶⁶ CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. O Brasil na II Grande Guerra. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960, p. 77.

⁶⁷ FAUSTO, Boris. História concisa do Brasil. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2014, p.202.

⁶⁸ COELHO, 2000, p.111.

vez mais íntimas. O que unia os governos de Getúlio Vargas e de Adolf Hitler era o anticomunismo visceral, marca dos regimes de extrema direita. Além disso, a crise política, econômica e social que se instalou sobre o mundo capitalista durante os anos 1930 – Grande Depressão – fez com que países como a Alemanha adotassem medidas político-econômicas para sua reconstrução. Recursos abundantes em países não industrializados, como era o Brasil, seriam negociados na base do comércio de compensação e troca de matérias-primas por produtos industriais. Desta forma a Alemanha criava um sistema de trocas de mercadorias nos quais não havia moeda forte diretamente envolvida, ou seja, os parceiros comerciais daquele país, como era o caso do Brasil, remetiam produtos sem valor agregado, ao passo que a Alemanha pagava com produtos industrializados, tais como máquinas e armamentos. Como já destacado anteriormente, uma das grandes demandas do Exército brasileiro nos anos de 1930 era de reequipar e modernizar seus arsenais. Foram, assim, firmados vários acordos de trocas de mercadorias com a Alemanha nazista que previam a remessa de material bélico para equipar o Exército brasileiro, em troca de produtos primários, alimentos e outras matérias-primas que eram enviados para aquele país e, que garantiam a continuidade do próprio esforço de rearmamento alemão.

Estes acordos desagradavam profundamente à política estadunidense, que via com crescente temor e desaprovação os acordos comerciais mantidos entre Brasil e Alemanha, especialmente porque ali nenhum dos dois países usava uma moeda forte, passível de ser convertida, como era o caso do Dólar. O Brasil, que havia decretado uma moratória de sua dívida externa no ano de 1938, encontrava-se tecnicamente falido, não dispondo de reservas de moeda estrangeira para pagar por importações de produtos estadunidenses. Resultado que projetava um possível aumento da participação das indústrias alemãs nas exportações para o Brasil e na balança comercial brasileira, lembrando que entre a tomada do poder pelos nazistas em 1933 e o início da 2ª Guerra Mundial, em 1939, o Brasil passa a ser um dos principais parceiros comerciais da Alemanha nazista, e com perspectivas de só aumentar sua participação.

A reação dos EUA veio pela via comercial, adotando uma nova política – Política da Boa Vizinhança – buscavam estabelecer negócios com os países da latino-américa na tentativa de intensificar sua influência continental. Entram, enfim, no circuito comercial, oferecendo, também, armas e munições ao Brasil, não apenas para conseguir contratos de vendas, mas também para poder exercer influência junto ao Exército brasileiro. A principal preocupação dos estadunidenses era o aumento da influência nazista sobre o governo Vargas, que levasse, inclusive a um distanciamento, se não o rompimento das relações entre o Brasil e

os EUA. Desta forma, já a partir de 1941 os estadunidenses começam a acenar com acordos vantajosos de vendas de armas e equipamentos para o Brasil, sendo que os valores subsidiados poderiam ser pagos de maneira branda, em longas prestações e a juros baixos. Desta forma tem-se uma primeira aproximação entre o Brasil e EUA consubstanciada, então, nas vendas de armas.

A ofensiva comercial estadunidense permitiu a Vargas adotar uma política pendular. Era uma época muito favorável à diplomacia brasileira, pois a ausência de um único poder dominante a nível global abria possibilidades de o Brasil transacionar tanto com Alemanha, Itália quanto com Inglaterra e EUA. Adotando uma postura nacional-desenvolvimentista, o Brasil manteve-se “neutro”, postergando ao máximo qualquer alinhamento definitivo. Além disso, deve-se levar em conta que internamente, o governo estado-novista – e o exército – dividia-se entre grupos pró-Eixo e pró-Aliados, que se confrontavam quanto à definição da posição brasileira frente à cada vez mais complicada conjuntura internacional. Com um vantajoso poder de barganha, o governo brasileiro negociou com ambas as potências na busca dos recursos necessários para a industrialização do país e do reequipamento militar das Forças Armadas, duas grandes prioridades do regime estado-novista. Importantes investimentos foram feitos nas indústrias de base, sendo a construção de uma Siderúrgica Nacional a grande ambição do governo e das Forças Armadas. Enquanto a diplomacia alemã sinalizava com a possibilidade de fornecimento de material bélico e da construção desta siderúrgica, os estrategistas estadunidenses, temerosos de um alinhamento do Brasil com o Eixo, entenderam que investimentos em pontos estratégicos para os Aliados, seriam bastante convenientes.

O conflito armado que se iniciou na Europa em 1939, quando a Alemanha nazista invade a Polônia, cresce a proporções globais no ano de 1941. Ano que ficaria marcado por uma nova invasão alemã, agora à União Soviética, e pela fase de supremacia do Eixo em sua expansão, mas também marcado por suas primeiras derrotas. A “neutralidade” que o Brasil dispunha frente ao cenário mundial modifica-se em decorrência dos acontecimentos que se seguem ao ataque japonês às bases estadunidenses no pacífico – *Pearl Harbor* – a 7 de dezembro de 1941, o que leva os EUA para a guerra. Este então, chama à unidade política dos países americanos frente à ameaça estrangeira, e é na III Reunião dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, ocorrida em janeiro de 1942, na que o Brasil concorda em romper relações diplomáticas com os países do Eixo, Alemanha e Itália. Esta atitude dá início a uma sucessão de eventos que levariam à entrada do Brasil na guerra.

A guerra, que agora se desenvolvia em amplas frentes, mobilizava esforços bélicos de diferentes ordens. Enquanto a maior parte do exército alemão enfrentava o *front* oriental, a

Luftwaffe atacava sistematicamente o Sul da Grã-Bretanha. Aproveitando-se dos bons resultados alemães, a Itália promove ações militares no Norte da África, sem dispor de grande efetividade. Em auxílio dos italianos, a Alemanha desloca tropas do *front* oriental e, sob o comando do general Erwin Rommel, as Afrikakorps finalmente controlam o Norte da África. O domínio de regiões africanas concedia enorme vantagem estratégica ao Eixo, especialmente pelo fato de deterem o controle da então colônia francesa do Senegal⁶⁹. Pouco mais de duas mil milhas separa o porto de Dakar, localização mais ocidental da África, do continente americano. Distância que na época poderia ser percorrida por aviões em aproximadamente oito horas, tornando possíveis ações aeronavais, ou mesmo ações de tipo comando, ao Saliente Nordestino (RN, PB, PE, AL) e, ao triângulo Natal - Recife - Arquipélago de Fernando de Noronha.

Ameaça deveras contundente à época, fez com que os principais teóricos da defesa estadunidense encarassem como reais a possibilidade de um ataque do Eixo às Américas, visando atingir indiretamente o Canal do Panamá, posição estratégica e vital para a defesa dos EUA. Desta forma, o local mais provável para um desembarque do Eixo nas Américas seria o Saliente Nordestino do Brasil. Isto leva a importante decisão de organizar uma defesa ampla em terra, mar e ar, suficientemente necessária para repelir um ataque proveniente de qualquer parte do mundo. Nesse contexto, celebra-se em 23 de maio de 1942 o acordo militar entre Brasil – EUA⁷⁰.

⁶⁹Cedido aos alemães pelo governo colaboracionista de Vichy.

⁷⁰ Segundo o historiador Dennison de Oliveira, a influência das Forças Armadas, exercida através de vários organismos técnicos, se prolifera no Estado Novo. Projetadas pelos Estados-Maiores, Conselho de Segurança Nacional e Comissões Militares Conjuntas, que eram responsáveis pelo planejamento e execução dos esforços necessários para efetivar as complexas operações militares que se seguiram. Seriam, então, criadas a *Joint Brazil United States Defense Commission – JBUSDC* (Comissão Conjunta de Defesa Brasil Estados Unidos - CCDBEU) com sede em Washington (EUA) e a *Joint Brazil United States Military Commission – JBUSMC* (Comissão Militar Conjunta Brasil Estados Unidos - CMMBEU) com sede na então capital federal, cidade do Rio de Janeiro. Estas Comissões Conjuntas foram em grande medida responsáveis pela viabilização do programa de *Lend Lease* para o Brasil, tanto para compras civis quanto militares. Contribuindo, ainda, para a reorganização das estruturas militares brasileiras, incluindo escolas, oficinas, unidades combatentes e de serviços, além de premir pela adoção por parte do Exército Brasileiro de normas, munições, armas e sistemas de armas exclusivamente de origem estadunidense. Efetiva-se um processo de reorganização e disseminação das doutrinas estadunidenses no Exército Brasileiro através de um intercâmbio de militares para estudar em academias e centros de treinamento nos EUA.

Outra importante função destas comissões foi a de dar treinamento e assessorar a Força Expedicionária Brasileira no Brasil e na Itália, além de opor-se à desmobilização da FEB, gerenciar o tratamento e evacuação dos feridos de guerra brasileiros internados em hospitais dos EUA, e ajudar a organizar para o Exército Brasileiro o “projeto sul” de 1944. Um estudo mais aprofundado sobre estas Comissões Conjuntas, bem como a relação Brasil-EUA pode ser encontrado no livro: “*Aliança Brasil-EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial*”, do Dennison de Oliveira.

O bloqueio marítimo, reflexo das ações tomadas para conter o fornecimento de produtos estratégicos foi a “primeira modalidade de entrada dos países periféricos, como o Brasil, no conflito”:

Assim, a guerra chegava às Américas. Os cenários imaginados pelos estrategistas norte-americanos eram preocupantes. Um deles previa uma invasão alemã no litoral do Nordeste brasileiro, através de navios de transporte de tropas escoltados por esquadrilhas aéreas, vasos de guerra e submarinos. Essa tarefa seria facilitada pela existência de uma rede de espionagem nazista no continente, com apoio das colônias alemãs no Sul do Brasil, na Argentina e no Uruguai. As defesas costeiras brasileiras eram notoriamente frágeis demais para contrapor qualquer resistência. Posicionados no Norte e Nordeste brasileiros, bem como nas Guianas francesa e holandesa, os invasores poderiam atacar facilmente o Canal do Panamá, ameaçando a circulação de bens e materiais estratégicos latino-americanos para os Estados Unidos e destes para seus aliados em todo mundo. A Inglaterra, lutando sozinha contra o Eixo, também seria prejudicada, pois um controle alemão da “cintura fina” do Atlântico Sul estrangularia os suprimentos vindos das colônias africanas e asiáticas⁷¹.

Antes de se tornarem-se reais estas ações, em novembro de 1942, as ambições italianas de dominar o Mediterrâneo e um império na África sofreram grande revés. A campanha da África se desenrolava com a supremacia dos aliados, fazendo com que as tropas ítalo-germânicas adotassem posições defensivas. Em abril de 1943 o *front* estava centrado no Norte da Tunísia, no porto de Túnis. Esta cabeça-de-ponte foi duramente atacada pelos exércitos aliados, que promoveram uma vitória completa e esmagadora contra as forças do Eixo. A decisão do Eixo de reforçar e defender até o último homem o Norte da África manteve o Mediterrâneo fechado por longos meses, uma medida que impactou negativamente a situação do transporte dos Aliados, porém colocou algumas das melhores tropas alemãs numa posição praticamente indefensável da qual não haveria escapatória. Na tentativa desesperada de suprir e apoiar a cabeça-de-ponte, as Forças Aérea e Naval italiana sofreram duros prejuízos, assim como a *Luftwaffe* que lutara em condições desfavoráveis e também sofre pesadas perdas. A aposta defensiva do Eixo posterga o que seria inevitável. Ao todo, mais de ¼ de milhão de prisioneiros foram capturados nas últimas semanas da campanha da África, mas o prejuízo para o poderio do Eixo na região foi bem mais extenso. Os danos acumulados nas Forças do Eixo, combinados com a derrota no norte da África, fizeram com que a balança do poder no Mediterrâneo pendesse aos Aliados. Com o Norte da África agora nas mãos dos Aliados, o planejamento rapidamente se volta para a invasão da Sicília e da Itália mais tarde.

⁷¹ FERRAZ, César Francisco. Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, pp. 13-14.

2.2. FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

A ideia de se enviar tropas expedicionárias para combater em além-mar, em TO europeus efetivou-se após a visita do então presidente dos EUA Franklin Roosevelt ao Brasil. Para além daquela famosa fotografia dos presidentes sentados num “Jeep”, vestidos de branco e com largos sorrisos na face, o encontro definiu o futuro da participação brasileira na conflagração mundial. Era fevereiro do ano de 1943, poucos dias após a conferência de Casablanca, no Marrocos, o presidente estadunidense encontrava-se com Vargas na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte. Na ocasião, decidiu-se pela participação brasileira diretamente nos combates, em local ainda a ser definido.

No dia 1º de julho de 1944 o 1º Escalão da tropa expedicionária embarcava no navio de transporte de pessoal estadunidense ano *W. A. Mann*. Mais de cinco mil brasileiros, ente praças e oficiais, estavam sendo transportados para o teatro de operações do Mediterrâneo. O primeiro escalão partiu do Rio de Janeiro em 2 de julho de 1944, aportando em Nápoles no dia 16 do mesmo mês. O segundo e terceiros escalões saíram juntos, no dia 22 de setembro de 1944, chegando à Itália no dia 6 de outubro deste ano. Os últimos escalões transportaram principalmente o Depósito de Pessoal, chegando o último transporte em 22 de fevereiro de 1945. Ao todo o Brasil enviou 25.334 homens e mulheres (no contingente eram apenas 20 mulheres, que serviram como enfermeiras nas unidades de saúde) para a Itália, sendo representados 21 estados brasileiros, entre eles estava o 1º Tenente Sólon Rodrigues D’Avila.

Cena II – Cobras no mar

“Vejamos o destino de um pracinha brasileiro, partindo para Itália transformou-se num guerreiro” - Vicente Celestino (1946)

Existia certa tensão no ar, os preparativos em algumas unidades denunciavam o embarque iminente. A surpresa de ver-se frente a frente com aquele imenso navio dava uma sensação de encurralamento e de impotência frente ao desconhecido, ao perigo, à guerra.

O 1º Tenente Sólon Rodrigues D’Avila, encontrava-se a bordo do Gen. Mann. Sentado no camarote número 203, o soldado anotava em uma pequena caderneta de capa preta suas impressões dos recentes acontecimentos. Acontecera tudo muito rápido, da incerteza do embarque à surpresa de uma ordem para deslocar-se junto com seu Esquadrão. De trem até o cais do porto, e dali para o embarque calmo e ordenado no imenso navio...

Estava há quase dois dias embarcado e ainda não se acostumara com o verdadeiro labirinto que eram os corredores daquele navio. O dia passava de vagar e nada de movimento, a ansiedade de Sólon e de todos ao seu redor aumentava, queriam ver-se de uma vez em alto mar. Finalmente na madrugada do dia 22 o pesado navio de transporte desatraca do porto. Do tombadilho do navio podia se contemplar o amanhecer que, como numa despedida,

gradualmente coloria a paisagem da Bahia da Guanabara. Já passava do meio dia, ao longe, o Forte da Laje, a Fortaleza de Santa Cruz... aquele panorama diminuía, a imensidão azul crescia, o Cristo Redentor ia ficando pequenininho, até desaparecer por completo. O comboio navega convicto, indo para mar aberto, rumo à Europa, rumo à guerra. Iniciava-se uma dura viagem que marcaria todos aqueles que fizeram esta longa travessia.

2.3. UMA LONGA TRAVESSIA

– 23 –

Todos já estão familiarizados com o navio, o que torna mais fácil o serviço de rancho etc. Rancho é servido por compartimentos, por um processo bem pratico e rápido.

São 10h da manha e o jogo do navio a pezar de moderado, já está causando tonturas em muita gente. A partir das 00h. de hoje, os relógios foram adiantados de meia hora.

São 9.45h. um marinheiro americano passou pelo meu camarote, deixando uma folha com instruções, (economia de PNI, objetos achados, etc...)

Apezar de estar um pouco tonto, passo relativamente bem, as 9h. consegui almoçar. No meu camarote viajam 15 oficiais; já conheço quasi todos.

A viagem está se processando com muita calma

As 10h. Um Tem. Cel. Brasileiro, e dois oficiais americanos que fazem diariamente a inspeção do navio, passaram pelo meu camarote; uma das camas se achava desarrumada, o que foi anotado

O nº de nosso navio é 112; o 116, navega a nossa direita, na mesma altura e a pouca distância. A retg do 116 navega com cruzador americano de 4 chaminés; bem mais para a direita e para trás o cruz R.G.J.; em nossa frente, a direita e esq. 2 destroyers

Dispositivo do comboio na manha de 23

[croqui do dispositivo em desenho]

Ao embarcarm os soldados passavam a obedecer às ordens da tripulação estadunidense. Rigor disciplinar e impecável organização seriam impostos aos soldados brasileiros. Distribuídos em compartimentos, separados dos oficiais, eram tutelados por uma série de procedimentos de segurança a serem seguidos, como exercícios de abandono de navio em caso de ataque, além de horários determinados para procedimentos de inspeção, limpeza, alimentação, recolher, *blackout*. Enfim, um rotina disciplinar, que, embora típica das instituições militares, marcava o cotidiano dos pracinhas pelas diferenças em relação às práticas do exército brasileiro e estadunidense, como veremos por meio do diário de Sólon.

Embora aos oficiais fossem reservados camarotes relativamente confortáveis, o grosso da tropa viajou nos chamados ‘*deks*’, na parte inferior do navio, com beliches sobrepostos, localizados quase na linha d’água. O calor tropical dos primeiros dias de viagem era agravado pela pouca refrigeração do ar, tornando o ambiente uma verdadeira sauna em alto mar. O que parecia ruim tornava-se muito pior com o “jogo do navio” descrito por Sólon como uma das principais causas do mal-estar dos soldados embarcados. Ou seja, o balanço característico de

embarcações no mar, agravado pelo calor de um ambiente fechado e pouco arejado fazia com que a maioria dos soldados sentisse tonturas, sendo frequentes os enjoos.

– 28 –

[...]

O calor está bastante forte; alimentei-me muito mal as 9h. e não tenho esperança nenhuma para a refeição das 4h. A questão da alimentação tem sido um problema bem difícil para nós; acho intolerável a alimentação que nos servem, e não existe outra...

Tenho a impressão que já emagreci alguns quilos, os quais pretendo recuperar com “macarronada”. Está chovendo forte agora – é tanta água que um pouco mais não altera.

Esqueci-me de anotar, que completamos hoje o nosso 6° dia de viagem... menos um portanto.

Se o enjoo provocado pelo “jogo” do navio dificultava a condição estomacal dos soldados, a alimentação⁷² fornecida pela logística estadunidense pouco ajudava às tropas brasileiras. Embora o serviço de rancho fornecesse refeições em dois horários, às 09h (almoço) e às 16h (janta), causava estranhamento o paladar da nova alimentação, qualificada pelo Ten. Sólon como “intolerável”. Mas o que era intolerável? Como vimos a História das Sensibilidades se preocupa com as formas de elaboração simbólica, cultural e social das coisas. Desta forma os sentidos dos soldados, como é o caso do paladar, passa por um processo de “educação”. Ora, o estranhamento com o paladar é justamente um estranhamento com outra cultura alimentar, no caso aqui a estadunidense. Os soldados, que não estavam acostumados no Brasil com tamanha abundância e variedade de alimentos no exército ou mesmo em sua vida como civil, se espantavam e demonstravam grande admiração pela fartura da logística daquele país. Mas seriam os enjoos e vômitos causados apenas pelo estranhamento a alimentação ou pelo balanço do navio?

Por questões de segurança, a grande maioria dos soldados era obrigada a permanecer nos “decks” do navio durante a maior parte do dia, contudo os oficiais ficaram mais bem acomodados, ocupando camarotes coletivos, sendo agrupados pelos postos hierárquicos exercidos nos quartéis. O cotidiano nos navios era um tanto enfadonho, mas a criatividade dos brasileiros servia, também, para superar o arrastar dos dias. Além das refeições e manobras de

⁷² O cardápio servido a bordo do navio era constituído de produtos usados na alimentação dos norte-americanos: produtos desconhecidos da alimentação dos soldados brasileiros, como, por exemplo, o *rice krispies* (Ração K). Era servido leite, bacon, omelete, compotas de frutas, creme, café e geleias. Enfim, as comidas salgadas geralmente eram ofertadas com os pré-cozidos, como o feijão branco, carne e batata. Tais iguarias não foram muito bem recebidas pelos soldados, que reclamavam do sabor adocicado da comida. Sentiam falta do bom arroz e feijão, carro chefe da alimentação de milhares de brasileiros. Muitos passaram vários dias alimentando-se apenas de frutas. Ver mais em Meron, Luciano B. “Saco vazio não para em pé: a alimentação e os hábitos alimentares na FEB (1944-1945)”.

evasão, o cotidiano dos pracinhas podia ser resumido em jogos de tabuleiro e baralhos, leitura, escrita de cartas para familiares, cinema, conversas e, naturalmente, rodas de samba.

2 – 10 – 44 (Segunda)

[...]

Neste vasto salão onde estou, cada qual passa o tempo a seu modo, – alguns jogam carta, outros gamão, alguns tocam piano, alguns ouvem rádio e muitos escrevem, não faltando aqueles que nutrem um bom papo.

[...]

Como dito anteriormente, uma vez embarcadas, as tropas brasileiras estavam sob as ordens e controle da tripulação estadunidense. Desta forma, o contato com a estadunidense serviu sobremaneira para a aprendizagem dos oficiais brasileiros⁷³. Embora inseridos numa instituição disciplinar, como é o caso das forças armadas, a convivência com a tripulação estadunidense ocasionou estranhamento aos brasileiros. A organização e disciplina da tripulação e a eficiência dos serviços como o já referido rancho, servindo alimentos com relativa fartura para mais de cinco mil homens, impressionava oficiais e praças. Outra característica que causava certo estranhamento aos brasileiros era o rigor da tripulação, que chamavam atenção dos soldados ao encontrarem uma cama desarrumada ou ao verem um salva-vidas mal preso. Este “estranhamento” frente à logística dos estadunidenses é registrado por Sólton em inúmeros momentos, uma passagem um tanto pitoresca, mas que demonstra bem a situação vivenciada se dá quando o navio cruza a linha do Equador e o comandante, além de fornecer diplomas aos oficiais, manda realizar uma festa onde seriam distribuídos cigarros para todos os homens.

– 27 –

[...]

Nas primeiras horas de hoje (2.30) passamos pela linha do Equador; para comemorar esse fato o comandante do navio mandou distribuir, a cada homem, um pacote de cigarros “Chesterfield” eram 10 carteiras cada um. Somos

⁷³ Não seria a primeira vez que o Exército Brasileiro teria que se adequar a um modelo de organização estrangeiro. Só no período republicano já teríamos tido, pelo menos, duas missões militares de relevante influência doutrinária, técnica e política. Nas primeiras décadas do século XX os militares brasileiros viajariam à Alemanha para conhecer os avanços marciais desse país, mas com a eclosão da Guerra Mundial (1914-1918) e o alinhamento do Brasil contra os alemães – o que não impediu o governo de adquirir armamento germânico, especialmente canhões da Krupp – resultaria numa aproximação com outras potências, em especial a França. Assim o Brasil contrata uma Missão Militar Francesa, a ser instalada no início da década de 1920, e que teria grande influência sobre a formação do oficialato do Exército Brasileiro, e conseqüentemente sobre sua doutrina militar, já que passara a comandar as instruções de alguns dos principais centros de formação como a Escola de Comando e Estado-Maior e a recém fundada Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais (pelos próprios franceses). Durante o governo Vargas haveria uma reaproximação comercial e política com a Alemanha, que resultaria, também, pelo menos até o início da década de 40 numa proximidade militar. A Alemanha nazista gerava uma admiração em certos setores do governo varguista, especialmente a partir do Estado Novo. As vitórias militares e as novas estratégias e tecnologias bélicas germânicas impressionava militares influentes do governo, como o Chefe do Estado-Maior do Exército, Góes Monteiro.

aproximadamente 6.000, inclusive oficiais, é fácil ver-se a quantidade de cigarros, e que cigarros...
[...]

Os homens que saíam das instalações mal feitas e pouco confortáveis do Morro do Capistrano (RJ), para viajar em um navio de guerra que aos olhos de Sólon mais parecia um transatlântico de luxo ficavam vibrantes e deslumbrados. Deslumbramento natural de quem nunca havia embarcado num navio como aquele, planejado e construído com a preocupação dos aliados estadunidenses com os menores detalhes, e com o esforço da tripulação em tratá-los o melhor possível, afinal, aqueles homens estavam indo para a guerra. Este que por sinal, seria um tratamento padrão da Marinha de Guerra dos EUA, digno daqueles que partiam para a defesa da Pátria. Os soldados observaram não elementos de riqueza, por mais caros que fossem aqueles navios, mas sim de organização, pois “não deixam faltar nada” em alto mar. Tudo era planejado, da criação até a execução, da construção de um imenso navio que transportasse uma valiosa carga de homens, passando por intensas e indispensáveis medidas de segurança, até chegar às frutas que eram oferecidas aos expedicionários.

A demonstração da eficiência dos estadunidenses continuaria durante toda a guerra. E, justamente por se tratar de uma viagem para a guerra, não era só o sentimento de espanto frente às novidades que surgia nos soldados brasileiros. O perigo também estava presente. Pensar nas necessidades pessoais de mais de 6 mil homens ali retidos por quase três semanas, período aproximado de duração da viagem, as dificuldades relacionadas não apenas à alimentação da tropa e a monotonia dos dias, mas a sensação de insegurança cada vez que a sirene anunciava os exercícios simulados de evacuação de navio, onde a embarcação, em caso de ataque inimigo deveria ser “abandonada”. A cada “Brrrrrrr!” da sirene, a incerteza de ser para valer ou apenas mais um exercício. É possível inferirmos o mal estar e o nervosismo que estas manobras causavam nos homens, mas cabe perguntar o que poderia se passar na cabeça deles quando, por vezes no meio da noite, se era acordado por um alarme que poderia ser real, e junto com outros seis mil homens subir no escuro até o convés, passando por labirínticos corredores e escadas estreitas? Isto tudo no meio do oceano Atlântico.

– 26 –

São 18h. Somente agora estou escrevendo, pois por experiência passei o dia fora do camarote no convez superior. Passei bem, porem como tudo que é demais enjoa, quase enjoei de tanto ver água e estou novamente em meu lugar favorito, apesar do calor.

E por falar em calor, e particularmente, tem sido horrível. Como tem acontecido diariamente, houve um exercício de abandono do navio as 13:30; Um oficial americano não gostou da maneira pela qual alguns oficiais colocaram o salva-vidas, e por isso resolveu prende-los por 2 dias em seus camarotes; nosso General no entanto completou a pena para repreensão no circulo dos pares.

Já não tenho o que escrever, pois nunca vi dias tão iguais; se esse pequeno diário tiver uma vida longa, talvez, dentro em breve encontrarei maiores motivos. Todos já estão familiarizados com o navio, pois nota-se maior desembaraço, ~~em todos~~, desaparecendo aquela confusão dos primeiros dias.

Dezesseis dias de melancolia e desânimo por não se ter muito que fazer, a angústia da demora se confundia com a expectativa e medo da guerra. Mas a bordo os pracinhas também sentiam saudades e de casa, e a tristeza “do ir”, deixando para traz amigos, amores, rotinas e a comodidade costumeira do “Brasil natureza”.

– 25 –

Mais uma manhã igual as outras a bordo; a viagem torna-se monótona.

Não passei bem o dia e novamente agora, 18h20 tive animo de escrever alguma coisa.

As 00h de hoje, os relógios foram adiantados de mais 1 hora.

Hoje a tarde, fui tomado por uma grande saudade do Brasil. Meus pais, Liza, amigos e a própria tina, o “Brasil natureza” sinto uma saudade imensa do cavalo, da velha cavalaria de espada e lança. Estou só no camarote com o Tavolucci; ouvimos música, pois existe uma vitrola portátil, com uma boa coleção de discos.

Hoje as 4h, as metralhadoras e os canhões do navio fizeram um treinamento de tiro real.

Temo que não escreverei mais hoje, pois tem sido um dia bem cacete; até amanhã Solon.

As experiências vivenciadas enquanto cruzava-se o Atlântico, rumo a um novo mundo, seriam apenas o prólogo de todas as agruras, tensões e surpresas que a guerra traria. Como o *front*, os navios eram também espaços de sociabilidade. É possível percebermos no diário a formação de um “espírito militar”, consistindo aquilo que Celso Castro define como um “conjunto de características que conformam a personalidade no meio militar”⁷⁴, desta forma o soldado, entre seus pares, imbuí-se e observava, num movimento recíproco, determinados atributos, correspondentes a aspectos como “entusiasmo profissional, lealdade, discrição, disciplina, apresentação e camaradagem”.

30

E assim, com um dia igual a outros, passei esse sábado, o último de setembro, navegando sobre o Atlântico.

Hoje, depois de dois dias de um calor intenso, com o cair da noite, a temperatura caiu bruscamente, o que muito me alegrou.

Recebemos hoje o nosso diploma comemorativo da passagem do Equador, o meu está nas oficinas, afim de ser trocado o nome que estava com sendo Ribeiro D'Avila. A dois que não enjoa mais; tenho impressão que estou em terra firme.

Aos poucos, estou conhecendo melhor meus companheiros de camarote, exceção feita com Pitaluga e Tavolucci, os quais são do Esq.

Dois deles, o Marcelo e Richarde, conhecia-os de vista da escola; os demais eram-me completamente estranhos. Vejamos pois como são as coisas: José Alves

⁷⁴ CASTRO, Celso. O Espírito Militar: um antropólogo na caserna. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004, p. 51.

Marcondes – Matogrossense, filho de gaúcho, parece ser bastante franco e sincero, tocador de violão, canta polka paraguaia, toma chimarrão; a princípio não me simpatizei muito com ele, agora já o aprecio – É 1º Ten. da Ar. de Cav. (É noivo)

1º Ten. Lucio Muniz Barreto (Farmacêutico) Muito educado e atencioso (casado).

1º Ten. Farm. Luiz Tereza de Freitas – Tipo bem disposto e bonachão; apesar das dificuldades sempre consegue café, laranja, maçã e tem o que é de todos. Muito bom companheiro, amanhece o dia sempre alegre, otimista, meia força e gozador da vida. ~~Sinto~~ É casado, com 3 filhos.

Sinto por ter de separarmos na Itália.

Com o corredor dos dias e quando for conhecendo melhor, falarei dos outros.

São 7h10 – os relógios já foram de meia hora, estamos pois com 2h30 de adiantamento pelo Brazil.

A todo o momento Sólon faz referências a valores que indiciam este “espírito militar”, no criticar ou elogiar um colega de farda revela-nos suas próprias concepções destes valores. Nota-se, portanto, o princípio de uma aceitação fraterna entre homens que compartilhavam, não só os espaços do navio, mas cada vez mais, das mesmas experiências transformadoras, e que no decorrer da guerra forma aquilo que podemos chamar de um “espírito militar febiano”.

A travessia contínua dava-se em comboio, os navios de transporte de pessoal seguiam com a escolta dos cruzadores *Rio Grande do Sul*, brasileiro, e pelos estadunidenses *Memphis*, *Trumpter* e *Cannon*. Finalmente no início da noite de terça-feira, três de outubro avistam Gibraltar. Os navios brasileiros que faziam a escolta deixam o comboio, transferindo a segurança para a marinha estadunidenses, responsável pelo patrulhamento do Mediterrâneo. Mesmo escoltados tanto o *General Mann*⁷⁵ quanto o *General Meighs* estavam equipados com metralhadoras e canhões, armamento necessário em caso de ataques aéreos e, principalmente, de submarinos. Já em águas mediterrâneas os navios navegariam ainda durante três dias, para enfim chegar ao porto destino.

5 – 10 – 944

São 13h.30. Dei serviço das 10 as 12 no compartimento 303L – Soubemos ontem que amanhã viajaremos ao porto destino (Nápoles). Cedo as providências para o desembarque estão sendo tomadas – e assim vai findar-se, como tudo, esta viagem que parecia inacabável. Aguardemos os dias vindouros

Cena III – “Se segura malandro”

Passava das 17h do dia seis de outubro do ano de 1944. O navio de transporte de pessoal General Mann estava atracado no porto destruído pelos bombardeios daquela dura guerra. Os preparativos para o desembarque estavam sendo tomados. A bordo mais de seis

⁷⁵ As especificações do U.S.S General W. A. Mann estão disponíveis em: <<http://www.navsource.org/archives/09/22/22112.htm>>. Acesso em 01 novembro 2015.

mil homens ansiavam por terra firme. O tumulto ordenado preenchia aquele porto em ruínas, com sons da logística de uma guerra. Num dos camarotes de oficiais aquele som se confundia com o chiado harmonioso dos violinos de Boulanger. Aguardando calmamente o resto de sua vida o 1º Tenente Sólon confienciava aquele momento a uma pequena caderneta de couro. A melancólica melodia que saía de uma pequena vitrola rasgava sua alma deixando-o nostálgico, saudoso dos seus, saudoso de Liza. Sabia que dias duros viriam – era só olhar para aquele porto destruído –, mas já que estava ali, estava por tudo. E tudo naquele momento resumia-se em aguardar, já que há muito perdera a paciência com a demora daquela travessia rumo à guerra, restava-lhe a calma, algumas horas a mais não fariam diferença. “Tãn, tâtãn, trârãn, trârãn!” A vitrola seguia melancólica. Aquela bela melodia podia não resumir os últimos dezesseis dias, mas mesmo assim alentava os sentidos de quem chegava à guerra.

2.4. BELA ITÁLIA

Apesar do desembarque no porto de Nápoles,⁷⁶ a viagem não havia terminado. Os escalões da FEB ainda seriam transportados para acampamentos em localidades mais ao Norte, até o porto de Livorno, onde já se encontravam os estadunidenses e os equipamentos de guerra. Desse porto, os brasileiros seguiriam até Pisa, onde ficariam acantonados para a ambientação geral antes da chegada ao *front*. Esta viagem seria feita em lanchas de transporte, e mais uma vez a eficiência da máquina de guerra estadunidense se revelaria de forma muito pedagógica aos soldados brasileiros. Novamente com um tom de espanto e admiração, Sólon faz uma contundente descrição da eficiência estadunidense:

9 – 10 – 44

São 11h45. – o navio continua no mesmo local e nós continuamos a esperar... Estamos prontos desde as 7 horas da manhã. As novas embarcações que nos levarão para o norte já estão se aglomerando. Há embarcações pequenas para vinte pessoas mais ou menos. Avisaram neste momento pelo microfone que o desembarque não se processará antes das 13h30.

O Marcondes está comigo aqui no camarote – tem se revelado uma boa praça.

Já me encontro a bordo da embarcação que me conduzirá para o norte; são 18h20.

O desembarque se fez por grupos compostos de 200 homens; Fiz parte do 5º grupo, sob o comando do Major Mota com o Cap. (PNI) de Sub. Comand. e mais 6 oficiais (PNI), que quatro deles faziam parte do antigo camarote 203 – As embarcações embora pequenas são notáveis: divididas em três compartimentos, tendo cada homem sua cama e seu salva-vidas.

⁷⁶ Carcaças de navios abatidos, estrutura portuária arrasada e a própria cidade, que também fora duramente castigada pela ação da artilharia aliada e pela ação das tropas alemãs, que demoliram a maior parte das instalações, civis ou militares, que pudesse ser utilizadas pelo inimigo. Essa cidade portuária foi alvo do desenrolar da “Operação Avalanche”. Primeira grande operação anfíbia Aliada, realizada no Golfo de Salerno, localizado aproximadamente 30 Km ao Sul de Nápoles. O general norte-americano Mark Clark, comandante do V Exército, ao qual estaria subordinada a FEB, no segundo semestre de 1944, enfrentaria a resistência de experimentadas tropas alemãs, que, na primeira quinzena de setembro de 1943, quase impediram a invasão da Itália continental.

O camarote dos oficiais tem 10 camas, tipo beliche de soldado do antigo navio. Nesse barco, vim somente com um Pel. de Esq., o 1º Pel. Inicialmente, desembarcaram 14 grupos, cujos barcos se jogaram logo ao mar. No outro navio, se procedeu da mesma forma, dando lugar a mais 14 embarcações. Somente para essa pequena operação, dispuseram de 52 embarcações. Embarcaram as 17 horas, e as 18 foi paga uma ração, para os soldados que já estavam com muita fome, pois só receberam uma refeição pela manhã. (ração K – conserva). Esses barcos, ao contrário do que eu pensava, ainda oferecem conforto e nota-se que a organização americana é formidável. Nossa embarcação é comandada por seus 2 Ten. Não sei se é da Marinha de Guerra. A tripulação composta também de americanos tipos fortes e moços. Fizemos (os oficiais) uma refeição logo que chegamos a bordo (carne, PNI, café, pão, manteiga, sobremesa). Estamos parados acerca de 40 minutos em uma localidade, 15 minutos de Nápoles (Pozzuoli). Não sei o motivo, nem o tempo que ficamos parados. Os soldados estão todos na parte externa e nesse momento estão cantando “Aurora”. Percebi agora que esses barcos denominando-se L.C.I – Landing Craft Infantry, construídos especialmente para desembarques de infantaria. Todos eles dispõem de camarotes para oficiais, alojamento para os praças, um pequeno refeitório para oficiais, quarto de banho, cozinha, rancho etc. Defesa antiaérea. A guerra tem sido muito cara para os americanos, pois eles dão aos combatentes tudo o que se possa imaginar e seja possível. Muito temos aprendido nesses poucos dias e na certa levaremos os ensinamentos para o Brasil onde muito precisa ser feito. A organização americana é perfeita e funciona admiravelmente. Como um dos muitos exemplos, posso citar o caso do Navio Gal. Mann, onde 6.000 homens (brasileiros estiveram de 20 de setembro a 9 de outubro). Talvez possa parecer exagero, porém as refeições nunca atrasaram e nunca se deu o caso de falta de alimentação para uma única praça e isso em alto mar. Essa pequena embarcação em que estou, é o reflexo da 1ª, ou melhor, de um povo organizado. Tudo funciona perfeitamente, sem atropelos, sem algazarra, cada um sabendo perfeitamente o que vai fazer. Seria interessante que todos os brasileiros em ação prestassem muita atenção, tomassem nota, para que quando voltassem ao Brasil, levassem pelo menos um pouco de vontade, de fazer do Brasil, um país grande.. o que só se conseguiria com a educação do povo, dentro dos verdadeiros princípios. Já estou vendo, que com economia não se faz guerra, nem se dá bem estar ao povo. A sobremesa normal, que os americanos davam diariamente a 5000 soldados, era: uma das que se segue – maçã da Califórnia, compota de pêssego – compota de pêra, sorvete e tudo em quantidade. O cigarro que distribuem aos seus soldados é da melhor qualidade, bem como o calçado, roupa, agasalhos, (PNI) etc. O soldado americano está lutando, porém com um conforto, que 50% dos brasileiros não tem. São homens sadios, bem alimentados, bem vestidos, e sobretudo, conscientes da sua missão. Os E.E.U.U. é uma grande nação, bem maior do que a julgavam. Bem, são 20h20, continuamos parados, os soldados continuam cantando e eu agora vou andar um pouco, pois tenho a impressão que o navio vai jogar muito.

A surpresa e a admiração com a diferença entre os dois países é evidente. Sólon, que estava na guerra como Oficial graduado pela Escola Militar do Realengo (RJ) na turma de 1939, tinha conhecimento da realidade interna do Exército Brasileiro, “onde muito precisava ser feito”, bem como de suas condições organizacionais e doutrinárias. Ao chamar atenção para as qualidades de navios, tropas, equipamentos, enfim, da logística de uma “grande nação” como eram os EUA, nos proporciona pensar na própria realidade brasileira da época. As tropas enviadas para a Itália eram, grosso modo, a síntese daquele Brasil. O “baixo nível

de alfabetização e adequação física das unidades militares brasileiras”, fez com que o Ministério da Guerra brasileiro optasse pela criação de unidades expedicionárias compostas por homens de todo o território nacional.⁷⁷ Assim, além dos militares regulares, faziam parte da FEB conscritos convocados e voluntários. Todos deviam submeter-se a exames físicos e psicológicos, porém os resultados destes “desnudaram um quadro alarmante da situação sanitária da população brasileira. Desnutrição, doenças crônicas, parasitárias, patológicas caracterizavam a população examinada”.⁷⁸ Além disso, a escolaridade média era muito baixa, poucos tinham uma “compreensão do que era aquela guerra e das razões por que lutar nela era, em geral, mínima”.⁷⁹

Na Itália, os escombros, destruição e miséria se sobrepõem às belas paisagens⁸⁰, a ruína e o perigo reinam por todos os lados. A descrição dos locais pelos quais os febianos se deslocam é feita por Sólon com lamento e tristeza, eram cenas que entristeciam seu olhar, e que passavam a ser cada vez mais presentes para as tropas brasileiras. Perplexidade e espanto também foram alguns dos sentimentos surgidos nos soldados à primeira vista de uma área destruída por um conflito em larga escala. Ao enxergar a realidade de um país em guerra, aparece também o despreparo em homens que não esperavam e nem estavam treinados para aquilo que viam. Apesar de sentir uma “prévia” das agruras da guerra durante a fatigante viagem para além-mar, Sólon deixa transparecer o “choque de realidade” ao ver-se frente a frente com a desolação das cidades e do cais, tudo em ruínas, navios emborcados ou afundados, as casas em escombros, cravejadas por buracos de munição, centenas de famintos nos portos, nas vias, nas cidades, pedindo comida, pedindo esmola. No trecho abaixo, o diarista contrasta suas impressões da destruição e perigos da guerra com o adjetivo “lindo”, que utiliza para qualificar o local onde estavam acantonadas as tropas do 2º e 3º escalão da FEB.

⁷⁷ O Ministério da Guerra preferindo um recrutamento intensivo em todo o país tinha como motivos o receio de retirar a divisão de infantaria estacionada no Nordeste, equipada e treinada, deixando a região vulnerável a um ataque alemão ou mesmo a uma ocupação americana.

⁷⁸ FERRAZ, 2005, p. 47.

⁷⁹ FERRAZ, 2005, p. 48.

⁸⁰ A intensa destruição das cidades italianas foi fruto da aguerrida defesa alemã caracterizada por sucessivas linhas fortificadas, que cobriam desde o mar Tirreno até o Adriático, aproveitando-se do terreno acidentado, que dificultava o avanço das tropas aliadas, especialmente das unidades blindadas. O avanço das tropas aliadas se deu com muita dificuldade e a custo de pesadas perdas. Esses intensos combates traziam grandes consequências para a população civil, que, além da destruição física das cidades sofria com a desestabilização econômica e social. As famílias, quando não eram dizimadas pelo fogo cruzado, eram, muitas vezes, separadas. Os combates provocavam ondas de refugiados, que vagavam pelas estradas, evadindo-se das regiões ainda sob julgo dos alemães.

12 – 10 – 44

São 10,30 da manhã e nossa lancha está atracada em uma espécie de canal, junto com muitas outras. Estou na prancha de desembarque, a 1 hora mais ou menos, a 2 metros da terra, esperando a ordem para desembarcar. Esperar – esperar... Está chovendo e em minha frente algumas casas destruídas completamente.

Quando parte da tropa está se deslocando a pé não sei para onde, as bagagens vão em caminhões. A coisa não é sopa meus amigos; já temos pela frente a chuva, lama, que mais nos aguardaria?

Ainda estou sob a impressão de terminal viagem que fizemos.

Finalmente desembarcamos as 11h45 e depois de 1 pequeno deslocamento a pé, tomamos caminhões, que nos trouxeram para Pisa. A estrada. Pisa-Livorno, uma verdadeira avenida arborizada. O movimento de veículos é intenso; a via férrea que corre paralela a estrada de rodagem destruída. O que se pode ver nas margens da estrada, está completamente destruído. Dá pena ver se o que anteriormente deveriam ter sido lindas chácaras, onde ainda se pode ver o cuidado com que eram tratadas. Chegamos finalmente no local de acampamento e estou agora em minha barraca. Por enquanto ainda estou só, numa enorme barraca (tipo barraca de Gal).

Estamos em um lindo local, todo cercado por árvores e também por minas, conforme os avisos em tabuletas.

Os soldados estão agora armando barracas e ouve-se o bater característico de estacas. Lembro-me até dos acampamentos que fazia no Rio Grande, porém por mais que eu olhe, não vejo a corda de “forragem” com os cavalos.

O sentimento outonal pela “velha cavalaria de espada e lança” logo seria substituído por um mês de intensas transformações, onde o exército aproveitou para, além de recuperar as tropas da longa e desgastante viagem, equipar e instruir o melhor possível àqueles homens que chegavam à Itália sem a menor condição de enfrentar as condições de um combate moderno.

17 – 10 – 44

São 9.30 da noite

Recebi hoje três cartas da Liza e um cartão do Paulo. Escrevi para casa e para o Oly. Pela manhã fui a Pisa, passei um dia bastante chateado.

20 – 10 -44

Faz um mês que embarquei no Rio de Janeiro....

22 – 10 – 44

Domingo – Passei o dia todo no acampamento. Chove muito.

23 – 10 – 44

Foi iniciada hoje a instrução. Recebi 4 Jepps para a seção de comando, os quais foram entregues aos motoristas.

O Amaro saiu ontem para passear, e roubaram-lhe 1 Jepp, completamente novo. Ele em compensação apareceu com um novo...

Apareceu o Jepp de Amaro, porém o que ele trouxe continua no Esq.

Estou hoje de Oficial do dia. São 10 horas e tive que rondar até às 12. Está começando a chover.

O Braz, ultimamente transferido para o Esq. tem sido um ótimo companheiro que muito tem me divertido com suas brincadeiras.

Como é sabido, a FEB foi empregada junto ao corpo de exército que combateria sob as ordens do V Exército dos EUA, comandado pelo General Mark Clark. Contudo as tropas que foram enviadas ao TO encontravam-se, longe das condições para serem empregadas com a

proficiência necessária, como já demonstrado, o despreparo dos brasileiros era evidente. Diferente da doutrina de combate em que o soldado brasileiro⁸¹ era adestrado – cavar trincheiras, se abrigar para dali combater – a doutrina estadunidense priorizava o ataque. Fazer com que homens, de uma hora para outra abandonassem o antigo modelo para outro, mais moderno e incisivo, nunca visto por eles, ia contra a natureza de seu adestramento. Mudar esse pensamento não era, definitivamente, uma missão fácil de ser efetivada, especialmente em tão pouco tempo.

O historiador Dennison de Oliveira nos demonstra bem a defasagem dos treinamentos da FEB, que embora tenham sido iniciados ainda no Brasil, careciam de material e de instrutores.

Em todos os esses efetivos foram notados, logo ao chegarem, dezenas ou até centenas de casos de internamento hospitalar devido a diferentes doenças. Além das condições físicas da tropa, também causava espanto aos estadunidenses, seu baixo grau de adestramento. Com tão precário treinamento não é de se admirar as deficiências notadas na atuação da tropa, praticamente já na chegada à Itália. Os militares estadunidenses notaram que havia: [...] falta de treinamento completo para as tropas, falta de liderança e responsabilidade da parte dos oficiais, particularmente dos oficiais subalternos, baixos padrões e disciplina sanitária, falta de entendimento de nosso sistema de suprimento, operação e manutenção pobres de veículos e armas, e especialmente falta de especialistas treinados como mecânicos, motoristas e pessoal de comunicação. Também houve grandes dificuldades com as roupas e equipamentos brasileiros. Todos os itens de cobertores e roupas de lã eram totalmente inadequados para o clima italiano no inverno, e foi necessário enviar ao Teatro estoques de sobretudos dos EUA, jaquetas, roupas de baixo, luvas, capas de lã, calças, perneiras, sapatos e capas de chuva. Suas deficiências em treinamento e disciplina causaram preocupação considerável.⁸²

Cabe aqui destacar que a precariedade de treinamentos foi um problema enfrentado por todos os escalões da FEB, mas as “consequências da forma pela qual a FEB foi treinada e armada afetaram de forma distinta seus diferentes escalões”. O descuido com o treinamento da FEB, quando comparado à preparação das divisões estadunidense era pungente. Assim,

⁸¹ O Exército Brasileiro, desde que a Missão Militar Francesa, em 1921, tinha seus militares adestrados à maneira de combater utilizada pelos franceses. Os fundamentos de guerra franceses eram, primeiramente, difundidos nas Escolas Militares, para que os oficiais pudessem repassá-los aos restantes dos militares aquartelados. Estes fundamentos privilegiavam uma forma passiva de combate, mesmo nas ações em que a ofensiva fosse a mais indicada. A França, vitoriosa na 1ª Guerra Mundial, ainda estava presa à “Guerra de Trincheiras” de 1914-1918, ainda enaltecia os desfiles de ordem unida, as sessões de educação física, o rigor disciplinar, as linhas de defesa lineares, entre outros ensinamentos que foram destroçados diante da *Blitzkrieg* alemã, com seus avanços rápidos e objetivos, utilizando-se dos blindados e da aviação. A Retirada de Dunquerque foi prova que a forma de combater dos franceses e também dos ingleses era parte do passado. A guerra agora era de movimento, agressiva, eficaz. Ressalte-se que somente a FEB – “Exército de Osório” –, introduzia estes novos conceitos para seus soldados. No Brasil, o “Exército de Caxias” permanecia alheio às novidades e, imbuídos por conceitos antigos e ultrapassados. Ver em GOYOS JÚNIOR, Durval de Noronha. A campanha da Força Expedicionária Brasileira pela libertação da Itália. – 1ª Ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

⁸² OLIVEIRA, 2015, p.248.

tão logo recebida pelo Gen Mark Clark, este determinou pessoalmente o adestramento da DIE em operações de montanha, pois ela teria de enfrentar os Apeninos e no inverno, com gelo, paisagem desconhecida e sequer imaginada pelos pracinhas brasileiros, acostumados aos trópicos. “É irônico que as únicas tropas inteiramente treinadas pelos estadunidenses tenham sido aquelas que chegaram nos últimos escalões e nunca entraram em combate”⁸³. Mas, apesar do evidente impacto negativo do defasado processo de treinamento da FEB “muito se conseguiu fazer para sanar as carências de instrução da tropa”.⁸⁴

25

Durante a manhã houve Ed. Física – até na guerra uma física me persegue – e depois armamento. A tarde, manutenção e agora, depois todos na Int. de motorista; eu aqui fiquei censurando cartas e pretendo escrever para Liza. São 3h. da tarde está frio, e uma chuvinha fina cai constantemente, me fazendo lembrar de Santiago, da Itacema... e do bom tempo que lá passei. Amém a la vida.

A capacidade de adaptação dos soldados brasileiros foi além da esperada. Muitos homens e unidades receberiam o verdadeiro treinamento na frente de combate. As tropas brasileiras que chegaram à Itália “muito verde e inexperiente”, depois de alguns meses, melhoraram tanto que obtinham resultados tão bons quanto as unidades estadunidenses com experiência de dois anos de combates. Como bem destaca o historiador brasilianista Frank McCann, a respeito do esquadrão de pilotos brasileiros⁸⁵ todas as operações foram baseadas em métodos estadunidenses e os resultados foram “quase iguais aos de um esquadrão dos Estados Unidos”.

1 – 11 – 44 (Quarta-feira)

Iniciou-se hoje o mês de novembro com um dia igual a muitos outros que tenho passado nesse acampamento. Estamos na fase das “minas” e durante o dia o Esq tem 4 horas de aulas sobre minas. Amaro já tinha um curso e numa barraca está repleta de minas encontradas pelo Amaro. França seguiu hoje para proximo de Bruno, onde fará um curso.

Soube hoje que tiveram algumas baixas no 6º RI em um encontro (PNI) de uma Cia com os alemães.

Não sei quando iremos para a área de treinamento. Somente depois disso seremos empregados.

São 8.45 da noite e estou só. A turma foi para Florenza, Pitaluga está em instrução e eu estou de dia. Para variar está chovendo e eu aguardando que aqueça com uma lata de brasas o meu chocolate.

Pretendo escrever hoje, pois a falta de notícias já está me aborrecendo.

2.5. “Isto é a Guerra...Uma Grande Estupidez”

⁸³ McCANN, Frank, 1982, 237.

⁸⁴ OLIVEIRA, 2015, p.248.

⁸⁵ Força Aérea Brasileira (FAB).

Antes dos soldados entrarem em linha com seus pelotões, a vida no acampamento, muitas vezes, tornava-se monótona, a falta de notícias de casa e a rotina diária de instruções causava aborrecimentos, como escreveu Sólon. À medida que os dias passavam, notícias de baixas aliadas causavam furor e aflição nos soldados brasileiros. Saber que companheiros de farda pereciam no *front* só fazia aumentar a vontade de entrar em ação, de mostrar-se útil, demonstrar a mesma bravura de companheiros caídos. Ao mesmo tempo, o diário evidencia que o medo acompanha a angústia de saber que o perigo da morte está mais próximo do que se gostaria.

20 – 11 – 44

Estou perdendo a noção do tempo, pois somente hoje soube que é dia 20, segunda-feira. De 15 para cá, minha vida tem mudado um pouco e podemos dizer que estamos realmente na guerra. De Granaglione nos deslocamos como sempre a noite, no front para Crociale onde ficamos por 3 dias. Neste local, todas as manhãs fomos bombardeados pela Art. e Mort. alemães os quais conseguiram um impacto direto em nosso P.C. – Não houve vítimas.

Ontem nos deslocamos para Gaggio Montano, onde também os alemães nos bombardearam todas as manhãs.

Os M8, somente ontem uniram-se a nós pelas dificuldades das estradas (minas e pontes destruídas).

Nesse momento, começa novamente a cair bombas aqui por perto e por precaução coloquei o meu capacete de aço, que é bastante incomodo.

Nossa Art. atira seguidamente por sobre nossas cabeças. Depois que sai de Pisa nunca mais recebi cartas e agora vou escrever algumas.

[...]

Cena IV – Brasa no cachimbo

Era um panorama lindo de se observar. Montanhas cobertas de neve, tudo branco... Sentado em seu M8 Sólon observava aquela paisagem enquanto escutava música. Ficava ali aguardando o retorno de uma patrulha – a ordem viera diretamente do V Exército Americano, “fazer o reconhecimento de Monteloco” – da posição que estava podia-se ver uma casinha encravada lá em cima, na montanha, era aquela a missão do Esquadrão.

Lá pelas tantas “prrrrrrrr!”. O carro-de-combate tinha um ótimo receptor, conseguia sintonizar a rádio Nacional. Mas aquele som não fora emitido por seu equipamento. Novamente um “prrrrrrrr!”, com o coração aos saltos identificou o que era aquele som. A “Lurdinha” cantava, fazendo eco na linda paisagem do outono italiano. Mais uma vez “prrrrrrrr!”, seguido de um “tá tá-tá tá-tá-tá!”. A cadência do som indicava uma resposta, o tiroteio seguiu por alguns momentos...

20 – 11 – 44

[...]

São 11.15 da noite estou só em uma luz de uma vela e lanço mão desse diário para que ele seja testemunha da grande tristeza de que estou tomado. Amaro, um ótimo companheiro, sai com uma patrulha, porém não regressou...

Seu corpo tombou em Montilocco, atingido por uma rajada de metralhadora e não foi possível trazê-lo. Isso se deu a pouco mais de 2 km de nossa posição, de onde

estava meu P.C. Acompanhei pelo som a troca de fogos. Os alemães porém estavam dentro de uma casa e por conseguinte bem abrigados.
 Isso é a guerra. Uma grande estupidez
 O silêncio está sendo cortado de tempo em tempo pela Art. que está localizada muito a nossa retaguarda.
 Tentei escrever hoje para Liza e para casa. Não foi possível. Como aparentar alegria se estou triste? Amanhã será outro dia, esperamos.

Lidar com a dor, eis uma realidade da guerra. A dor da perda de um camarada, de um companheiro de farda, de um amigo. O momento antes da partida para a missão é pesado e por vezes inesperado, o soldado sente a iminência do combate, em maior ou menor escala, está sujeito a todas as tensões, ao perigo, a fome, a sede e as incertezas. O medo envolve o soldado. Enfim a guerra mostra sua face, bem diferente dos treinamentos, ela é feita de imprevistos, que nenhuma instrução, por melhor que tenha sido é capaz de ensinar. No *front* o soldado é obrigado a lidar com emoções extremas, ali sua resistência, física e emocional, é testada vigorosamente até a exaustão. Ali, ele ressignifica seus sentidos, doma-os para que mesmo inconformado não se deixar esmorecer, infla o espírito de vingança, faz prevalecer-se ao cansaço, à raiva e ao medo de ser o próximo a cair. O soldado é obrigado a se reinventar, se transformar em outro, se transformar naquilo que a guerra exige.

A guerra, “quase tão antiga quanto o próprio homem atinge os lugares mais secretos do coração humano, lugares em que o ego dissolve os propósitos racionais, onde reina o orgulho, onde a emoção é suprema, onde o instinto é rei.”⁸⁶ Para Sólon e para os soldados brasileiros a guerra não foi a mera ficção criada pela sequência de palavras, frases e capítulos. Escritos de um(a) historiador(a) confortavelmente entregue à seus métodos reflexivos e suas interpretações sobre os sentidos que os homens atribuem às suas realidades. Sentidos definidores de sistemas representativos e ideais, construídos a partir de um mundo “paralelo de sinais que se constrói sobre a realidade”. Para eles a guerra vivida é “uma grande estupidez”.

Mas tinha-se muito pela frente, um inimigo experiente, protegido por aquela topografia escarpada. Sem contar o frio, a altitude, a lama, o peso do equipamento e das noites sem sono. O céu é coberto por ensurdecadores trovões de artilharia, soldados fatigados por horas sem dormir ou comer, ficam atônitos com cenas terríveis e pouco prováveis. Muitos estão mutilados, sem contar os que lá permaneceram, mesmo anos após a paz ter sido alcançada. Vidas foram ceifadas. É possível pensarmos em bravura e sangue-frio, paciência e determinação, vigor ou serenidade. Mas o que mais é necessário para se continuar fazendo o

⁸⁶ KEEGAN, 2006, p.18

que deve ser feito, para seguir lutando, para cumprir a missão? Talvez a resposta não esteja no “em si”.

Os ritos de iniciação aos quais os soldados são submetidos, os rudes exercícios que eles efetuam, as longas manobras que executam fazem parte, junto com o pão e o vinho partilhados, do percurso que leva à integração em um regimento. Um espírito de corpo se manifesta aí. Resultante da fidelidade ao grupo e do respeito a suas tradições, esse espiritual é marcado por uma ética que comanda a unidade e a solidariedade. Ele inspira os companheiros de armas e os transforma em uma sociedade de irmãos, insuflando nos jovens, no momento do batismo de fogo, a coragem dos antigos. O espírito de corpo cria a emulação sobre o campo de batalha. Oferece, assim, à virilidade militar adquirida na caserna o modo de afirmar-se, e isso até o sacrifício supremo. Luta-se pela pátria, mas morre-se, na maior parte das vezes, por seus companheiros de armas.⁸⁷

2.6. NO *FRONT* COM AMIGOS

A proximidade com a população italiana é outro tema sempre recorrente nos relatos dos soldados febianos, não é diferente no caso de Sólon. O povo italiano muito sofria com rapina das tropas alemãs que estavam em retirada levando da “população civil todos os recursos alimentares e meios de subsistência básicos naquele inverno rigorosíssimo”⁸⁸. O estado crítico que a população se encontrava fazia transbordar nos brasileiros um misto de impotência, compaixão e até certa admiração pela entrega e disposição à luta⁸⁹.

8 – 12 – 44

Aqui me encontro em uma colina a quase 15 dias vendo e sentindo as misérias da guerra... É verdadeiramente trágica e triste a situação das famílias refugiadas que chegam em nossas linhas. Famílias e mais famílias, numerosas, as quais são encaminhadas para Silla, a pé. Chegam geralmente com alguma roupa e sem nenhuma alimentação, todos famintos. Recebem algum resto de comida, pão ou café, com alegria indescritíveis. Muito tenho sofrido pela situação dessa gente, porém como não sou culpado disso, vou endurecer um pouco mais o coração. Há muito que era para ter citado o que tenho observado sobre os “Partizans”, patriotas italianos. Temos agora a disposição do Esq. 100 homens. São voluntários que lutam pela libertação da Itália. Esses homens, mal vestidos, mal alimentados e mal armados, pois seu armamento é o mais variado possível (alemão, inglês, americano) é o soldado mais disposto que já tenho visto.

Cumprem todas as missões as mais arriscadas, sempre com boa vontade... Estão sempre alegres e prontos para fazerem parte de uma patrulha. Daqui pra frente, muito terei que falar sobre os Partizans.

São 16h15 e escrevo com vela, choveu muito durante o dia e o terreno está completamente enlameado.

⁸⁷BERTAUD, Jean-Paul. O exército e o brevê de virilidade. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges. (Orgs.). *História da Virilidade*. Vol.2. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 94.

⁸⁸GOYOS JÚNIOR, Durval de Noronha. A campanha da Força Expedicionária Brasileira pela libertação da Itália. – 1ª Ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 98.

⁸⁹A resistência *Partisan* promovia guerrilhas e, na medida do possível, fustigava as linhas de comunicação, abastecimento e guarnições germânicas.

Se na retaguarda, as emoções ficavam por contas de um bom descanso em hotéis aliados, ou pelas “*tochas*”, escapadas com ou sem permissão para passeios turísticos ou para *cercare signorine*, no *front* elas estão intimamente relacionadas ao convívio com famílias de italianos que “hospedavam” os soldados em suas residências.

15 – 11 – 44

[...]

Eu, depois de quase dois meses, dormi em uma casa, estou muito bem localizado em um ótimo quarto com uma cama muito boa, mesa, cadeiras, água corrente etc. A família muito camarada e ontem conversamos por muito tempo até as 9.30 da noite na varanda onde havia uma lareira. Pela manhã, trouxe um cantil com café; gostamos muito.

Estou agora em meu quarto em frente a uma janela vendo a neve cair e por vezes se acumular. De ontem para hoje, tem chovido constantemente.

O panorama que observei ontem é dos mais belos que já tinha visto. Montanhas cobertas de neve, tudo branco... Bem, vou andar um pouco, pois estou ficando gelado.

Ao contrário das tropas alemãs, a relação dos civis com os militares brasileiros se mostrava muito mais saudável e cordial. O povo que sofria com as consequências dos combates, teve em grande medida suas estruturas familiares destruídas, a rotina familiar que existia antes da guerra, tanto para os italianos quanto para os brasileiros, fora varrida por aqueles dias de pouca bonança. Assim além da troca de meios materiais, que eram sempre muito bem vindos, Sólton escreve sobre a amizade e fraternidade que surgiam em momentos de carinho e alegria frente à cruel realidade em que viviam.

23 – 12 – 44

[...]

Ultimamente eu já gostava um pouco de Colina, não pelo lugar, porém pela Maria, uma morena simpática, inteligente, de olhos esverdeados... Maria chorou quando parti e eu, sentimental ao extremo, senti também muito.

[...]

São 11h15. A família já foi dormir e aqui me encontro na varanda (PNI) a (PNI), com o rádio ligado, ouvindo, quanto ironia, um TANGO.

Pretendo escrever hoje, isto é, responder algumas das últimas cartas recebidas. Está nevado muito e a rua já está com um palmo de neve. Que frio, como dizem os italianos.

2 – 1 – 45

Finda-se o ano de 44 e aqui me encontro em Granaglione.

Escrevo do mesmo morro em que escrevi a 11 dias passados. Hoje porém estou só, pois em minha frente está a Pinna, uma bela loirinha da qual não havia ainda falado; é sobrinha da família em que estou morando e no momento ela faz um tricôt, um par de luvas de lã que irá presentear-me. Pinna parece ser bastante séria, é muito educada e possui uma cultura bem apreciável, pois é professora; além de tudo tem um olhos maravilhosos e um sorriso encantador. Trata-me com muita gentileza porém não passa disso. A última noite do ano passei em uma festa na casa de uma família. Dancei bastante e diverti-me muito.

São agora 10.55 da noite e penso que vou dormir pois amanhã teremos instrução.

O frio está terrível e tudo aqui em Granaglione está coberto de neve.

O Sílvio, colega que havia ficado no Rio, já se encontra entre nós.
Pitaluga foi promovido a Cap.

5 – 1 – 45

Aqui me encontro em Granaglione, gozando as delícias da neve e do frio. A neve hoje caiu em abundância, cobrindo tudo, árvores, estradas e montanhas etc. São 9 da noite aqui estou na casa da família Facioli. Jorge e Nina aqui se encontram, bem como a Pina, que está fazendo um par de luvas para mim.

8 – 1 – 45

Aqui me encontro ainda em Granaglione. São 4 da tarde, é muito frio e cai uma verdadeira chuva de neve.

Nada de anormal tenho tido para assinalar em meu diário. Ontem a tarde estive com alguns civis e o Ten. Sílvio brincando na neve, em uma grande descida existente aqui perto. Hoje pela manhã tentei esquiar, porém em menos de 10 metros cai duas vezes e desisti. Vou escrever agora para casa.

Os brasileiros dividiam não apenas as acomodações das casas das famílias italianas, mas por meio das palavras de Sólon percebe-se que desfrutavam do convívio familiar, o que poderia suprir, em alguma medida, a carência de casa. São muitos os registros de Sólon fazendo referencia à cordialidade dessas relações, momentos de convivência que iam desde a satisfação e alegria, ao partilharem comida com as famílias italianas, até casos de paixões pelas belas mulheres italianas. Paixões que, em frente à lareira de uma casa, podiam servir de alento às noites escuras e frias do rigoroso inverno italiano.

As paixões e as amizades que surgiram entre italianos e brasileiros foram recíprocas e, em alguns casos, duradouras. Anos após a desmobilização da FEB do TO italiano, o contato com estes amigos permaneceu, com Sólon não foi diferente. Após a guerra muitos soldados trocavam cartas com seus amigos italianos, e algumas das cartas que Sólon recebeu encontram-se no já citado acervo do MMCMS, e servirão de fonte para futuras pesquisas.

2.7. “VENCIDO O INIMIGO QUE ANTES FORA VARONIL”⁹⁰

As tropas aliadas vinham de uma campanha exitosa no norte do continente africano. A Itália por sua vez contava com mais de 100 mil baixas e 300 mil militares capturados. A despeito de toda a ajuda que sua aliada, Alemanha havia dado, mais de 26 divisões haviam sido perdidas na campanha norte-africana. O poderio militar da Itália fascista, não seria suficiente para deter as forças aliadas. Em de junho de 1943 os Exércitos estadunidenses e britânicos desencadeiam uma das maiores operações anfíbias jamais tentadas desde o começo da guerra. Êxito. Porém o avanço dos aliados na Itália continental seria bem mais lento que o

⁹⁰ Frase da música *Mia Gioconda* de Vicente Celestino (1946).

previsto, as defesas alemãs eram duras de serem dobradas e contavam com um terreno extremamente acidentado, onde linhas fortificadas eram construídas sobre os baluartes naturais. No início da campanha da Itália, os alemães procuraram deter o avanço dos aliados nos portos de desembarque, principalmente para evitar com que o importante porto de Nápoles caísse em mãos aliadas. Mas como ficariam provados nesta guerra, os meios ofensivos, muito bem explorados por sinal pelos alemães até aquele momento, se sobrepuseram aos meios de defesa, então as tentativas de barrar o acesso dos aliados ao território italiano tinham por objetivo razões táticas de pouca profundidade, queriam apenas atrasar o avanço final contra a Alemanha.

Entre setembro de 1944 e abril de 1945, os alemães já tinham consciência de que a derrota era iminente, mas seu moral e energia para o combate ainda eram bons, pois sabiam que a melhor forma de manterem-se vivos e voltarem para casa continuava sendo combater da melhor maneira possível. Além disso, havia um temor generalizado de que seus familiares na Alemanha sofressem represálias, em caso de deserção.

Suas forças desfrutavam de boas condições de combate, seu armamento e equipamento eram ainda dos melhores produzidos naquela guerra. Eram tropas heterogêneas, que incluíam soldados mais velhos com experiência na frente russa, reservistas alemães recrutados entre as faixas mais jovens e soldados de várias nacionalidades, de países ocupados durante o avanço germânico.⁹¹

Ao contrário do que se pensa estratégica e taticamente o Exército alemão que ocupava a Itália era ótimo, sendo que muitos soldados tinham anos de experiência de combate nos campos de batalha africanos e europeus, incluindo-se o temível *front* oriental. Contudo vinham sendo derrotados e, recuando sucessivamente estabeleciam uma vasta linha defensiva. Nos campos de batalhas italianos havia 27 Divisões alemãs e mais outras 6 italianas. Buscando deter o avanço aliado, as tropas do Eixo finalmente construíram linhas de defesa nas montanhas dos Apeninos, a chamada “Linha Gótica”. Na Linha Gótica havia 18 dessas Divisões guarnecendo suas defesas, que embora carentes de recompletamento em pessoal e material, e sofrendo com a falta das ações de sua aviação, que nesta época já era reduzida e estava priorizando a defesa da Alemanha, lutavam ainda com o moral elevado.

Contudo a supremacia aérea dos aliados destruía sistematicamente as linhas de abastecimento. Estradas e ferrovias eram marteladas noite e dia, sendo as operações interrompidas apenas pelo mau tempo. A elevação dos Apeninos consistia numa verdadeira barreira natural, o que facilitava muito as posições defensivas. Juntamente com a cidade de Montese, Monte Castello era posição chave para a defesa da Linha Gótica. O destacamento da

⁹¹ FERRAZ, 2005, pp.58-59

FEB foi lançado ao norte do rio Serchio para combater os alemães estabelecidos na Linha Gótica (280 Km), entre os mares Tirreno e Adriático, atuando na região da “boca do cano” da bota que a Itália representa. A missão das Forças Aliadas que atuavam na península itálica era de romper essa barreira e libertar o norte do país.

Superar estes obstáculos era garantir a marcha para Milão, Turim, Alessandria e Bolonha, cidades importantes do norte italiano, cuja conquista daria livre acesso ao vale do Rio Pó e para o “Passo de Brenner, na fronteira com a Áustria, e assim comprometer o recuo alemão para se juntar a possíveis reforços em outras frentes”.⁹²

29 – Nov

Continua ainda em Colina, na mesma casa, vendo as mesmas montanhas, a seis dias. É o lugar mais triste que já tenho estado na Itália. O dia de hoje tem sido horrível e uma monotonia envolve tudo. São 3h15 da tarde. O frio é forte. Cai uma neblina muito fria e estou em frente a uma lareira... Ao meu lado, Maria faz tricôt. Nesse momento, foram soltos dois pombos correios levando uma mensagem. O ataque feito na madrugada de 24 não surtiu efeito, pois a resistência alemã foi grande. Hoje está sendo feito novo ataque, no qual está empenhada toda a DIE. Até o presente momento, nada sabemos. Continuamos a aguardar o flanco direito. A nossa Art. (500m) a nossa retaguarda tem atirado muito. A janela estremece e os vidros dão a impressão que já vão quebrar. A guerra está dura e os alemães ainda estão muito firmes em suas posições. Já ouvi bem de perto a metralha alemã. A velocidade de tiro é incrível... Foi uma delas que matou o Amaro. São agora 4h15 e já é a quarta noite... E com ela as saudades, as incertezas... E também as esperanças de dias melhores.

12 – 12 – 44

Estamos na manhã de 12. Diferente um pouco das manhãs anteriores, porque desde a madrugada nossa Art. atira sem cessar. São verdadeiras rajadas de canhão. Isso evidência uma coisa... Nossa infantaria ataca pela 3ª vez Monte Castelo... Até agora sem resultado. Esperamos o resultado de hoje. O alemão defende-se com tenacidade e responde a mesma Art. com certos tiros de morteiro, 75 e 85. Próximo do P.C. caem algumas bombas, porém ninguém mais liga. O dia de ontem foi muito frio, tendo caído um pouco de neve ao entardecer. Hoje está melhor o dia. Já recebi três cartas de casa, e a 20ª da Liza. Passo muito bem de tarde, as saudades cada vez maiores e no mais tudo bem.

21 de Fevereiro

Dia de espera, de incertezas. A nossa Inf. atacou as 5h da manhã e até agora, 2.30 da tarde, nada conseguiu... De onde estamos avista-se o Monte Castelo, o qual tem sido martelada desde ontem pela Art. e aviões. Ainda a pouco estive observando os aviões metralharem as posições inimigas. Essas porém estão firmes e não cedem terreno. Os alemães lutam muito bem. Estamos prontos e com as viaturas com a frente para o “N”.....

Encontro-me agora na cozinha da casa onde moro e continuo a ouvir a Art. e o bombardeio dos aviões.

x -

M.Castelo caiu as 18h!! Salve o 1ºR.I (PNI).

⁹² FERRAZ, 2005, p.63

Conquistado Monte Castelo as tropas brasileiras seriam empregadas num tipo diferente de combate, no qual não tinham treinamento especializado. Como mencionado, as cidades localizadas nas regiões do norte italiano eram fundamentais para o acesso das Forças Aliadas às fronteiras com França e Áustria. Mas diferente de Castelo, o combate se daria em terreno urbano, rua a rua, casa a casa, onde o atravessar de uma rua, o dobrar de uma esquina eram manobras arriscadas. Dias de duros combates aguardavam os soldados brasileiros. À 1ª DIE coube inicialmente conquistar, em 14 de abril, as alturas de Montese e regiões adjacentes, tendo o forte apoio de Artilharia e Blindados e geradores de fumaça estadunidenses.

A reação da Artilharia alemã ali concentrada antes de ser destruída, para não cair em poder dos aliados, foi de grande e inusitada intensidade. A batalha por Montese traria às tropas brasileiras um dos mais cruentos combates de toda a campanha, o que é atestado pelas 426 baixas brasileiras (34 mortos, 382 feridos).

14 de abril

Estamos na expectativa a dois dias. Está tudo pronto e aguardamos apenas ordem de avançar.

São 1.15 da tarde... poucos km a nossa frente trava-se uma batalha, pois a Inf. mais uma vez ataca; é grande o rumor da Art. e Aviação que voa em piques sobre o fronte.

Si o ataque tiver êxito, o Esq. será empregado na retomada de contato.

Os soldados já cansados de esperar dormem a sombra de algumas árvores. A nossa direita 10ª D. de Montanha Americana está também atacando. Penso que os alemães não poderão aguentar. Enfim eles são duros.

15 de abril

O Esq. deslocou-se ontem para campo Sole, onde aguardamos ordens.

A infantaria atacou ontem e conquistou algumas posições, apesar das baixas. Tá grande o número de prisioneiros (90) que por aqui passam, com as mãos sobre a cabeça, inclusive quatro oficiais.

Dormimos debaixo das viaturas. Hoje pela manhã tive a oportunidade de assistir ao ataque a uma elevação que estava a 300 metros a minha frente. É qualquer coisa de inacreditável. A operação da Art. foi arrasadora, porém quando armas contra atiravam e iniciava o ataque, do meio dos escombros sai a resposta da “Lurdinha”. Onde eu estava caíram vários tiros de morteiros. Ainda não cheguei a minha vez, certamente.

16 de abril

São 9h15 de uma bela manhã. Estou em meu M8 ouvindo a “Dama da Hora” enquanto o canhão continua a atirar. O dia de ontem foi negro para a nossa Inf. Grandes baixas, pequeno progresso. Montese foi tomada, mas ainda está cheia de cadáveres pelas estradas. A missão do Esq. de explorar a região, transformando-se em acolher a inf. com o necessário. A art. inimiga recebeu a fortíssima arrazando tudo. A situação não está boa, apesar da aparente calma que reina. Estou novamente em meu M8, são agora 5.30 da tarde. No momento estou enviando um fax que se confunde com a metralhadora que canta poucos metros de mim, juntamente com nossos morteiros – os alemães estão contra-atacando?

17 de abril

São 11.30 da manhã, o fronte está parado. Não foi possível avançar. Os alemães bombardearam agora nossas posições e já caíram algumas bombas aqui perto onde estou.

18 de abril

O fronte está realmente paralisado na frente da DIE. Os alemães ao que parece dispõem de muita tropa e art. para nos defrontarem. Tivemos hoje um homem ferido por estilhaço de granada. Quando menos se espera, cai uma bomba nos lugares mais variados possíveis.

Naquele pequeno burgo medieval, localizado a mais de mil metros de altura, “os expedicionários enfrentaram o maior número de baixas em sua campanha, em 14 de abril de 1945. Boa parte delas ocorreu nas cercanias da cidade, em combates violentos com os alemães”⁹³. Localizada a aproximadamente 15 quilômetros de Monte Castello, a cidade exigia que os soldados utilizassem técnicas de guerra moderna, onde o combate se daria num *front* urbano. Talvez esta possa ser uma das explicações para o grande número de baixas sofridas pela DIE. A partir do momento em que tiveram de tomar casa por casa dentro da cidade onde os alemães, já acostumados com esse tipo de *front*, buscavam refúgio. Cada casa, cada cômodo, cada porão ou sótão era minuciosamente vasculhado. Uma missão penosa para os homens, na qual todos os sentidos tinham de estar alertas. Ali o menor descuido ou falta de atenção significava a diferença entre o viver ou morrer.

A 1ª DIE ajudou finalmente a romper a defensiva alemã nos Apeninos conquistando o acesso ao vale do rio Panaro, o que facilitou ao V Exército derramar-se sobre a planície do rio Pó, em “aproveitamento do êxito”. E, logo a seguir em perseguição aos alemães.

23 de abril

De 21 para cá, tem sido uma verdadeira disparada no encalço dos alemães que está em pronta retirada.

Pouco se tem dormido e a cozinha não consegue nos alcançar. São 16.30 e estou com o café da manhã. Tivemos ontem um sargento morto (038) e quatro feridos. Fizemos 35 prisioneiros. Recebi ontem os primeiros flores da população, que está radiante. Esq. está em “Marano” e estou em Giuglia em ligação com o B2, aguardando as ordens para o Esq. (pelo rádio).

Favolucci foi ferido ontem, acidental com carabina. Estou como subcomant, etc...

27 de abril

Infelizmente não tenho tido tempo para registrar essa grande avançada do Esq. sempre procurando contato.

De “Marano” passamos por várias cidades onde é indescritível a alegria da população. O povo aglomera-se nas ruas, cobrem nossas viaturas de flores... somos recebidos com palmas, vivas e beijos.

Essa parte da Itália é mais bela ainda que a já passada. É indescritível a beleza das mulheres. Ontem (26) o Esq. estabeleceu contato com o subúrbio de “Parma” e com a queda dessa cidade foi lançado para Collecchio, sem passarmos a noite. A infantaria atacou e somente agora de manhã essa localidade foi liberada. Já

⁹³ FERRAZ, 2005, p.65

começaram a chegar os prisioneiros. O Esq. recebeu nova missão de guardar uma ponte, 80 km a nossa esquerda, passando por “Piacenza”. Estou agora como subcomandante aguardando a chegada do Mario.

A partir destas conquistas a 1ª DIE iniciou a perseguição às divisões alemãs que estavam em retirada. Em saída singular, mas de grandes dividendos táticos foram empregados todos os meios possíveis para que os alemães, fragilizados, se sentissem acuados, o que de fato aconteceu, pois já não tinham muito para onde ir. Restava a eles a rendição ou a morte nas posições. Entre 27 e 30 de abril, no vale do rio Taro, combateu-se o inimigo em Collechio e em Fornovo di Taro, executando uma manobra envolvente contra os alemães reunidos em Respício, onde eles receberam ultimatum para rendição incondicional aos brasileiros.

O maior feito da FEB, de repercussão estratégica, possivelmente tenha sido esta manobra de captura. Contudo há, ainda, uma escassez de estudos sobre este episódio. Pouco se sabe, por exemplo, da efetividade das forças partigianas nesse processo – bem como a participação destes em outros combates –, e são poucos e insuficientes os estudos sobre a manobra de Collechio – Fornovo. Enfim, a divisão brasileira conseguiu a rendição da 148ª DIA, o que era pouco usual na guerra travada na Itália, uma vez que as rendições se davam por unidades menores, como companhias ou batalhões, raramente atingindo regimentos. Ali foram capturadas duas divisões do Eixo, num total de 20.573 prisioneiros, dos quais dois generais. O inimigo rendeu-se em Gaiano na região de Fornovo di Taro, numa ação que se caracterizou pelo alto nível e repercussão estratégica. A rendição foi recebida do experimentado General Otto Fritter Pico, veterano de diversos teatros de operações e, ainda elementos da Divisão “Bersaglieiri Italia”, bem como sobras da 90ª Divisão Panzer. Sobre este feito dos brasileiros, comentou o General Mark Clark: “Foi um magnífico final de uma atuação magnífica!”.⁹⁴

29 de abril
Rendição da 148 Divisão Alemã!!!
Nada necessito escrever..... nunca esquecerei as cenas deste dia....

Que estaria sentindo Sólon, para não necessitar escrever nada? Bem verdade que a relevância e singularidade destes fatos nos possibilitam fazer algumas conjecturas. Mas porque não escrever sobre estes eventos? Porque da certeza de que nunca irá esquecer? Talvez aqui não caiba uma interpretação através das sensibilidades, mas das possibilidades de uso que Sólon dá ao diário. Ao observa-lo em suas acepções mais imediatas, como fruto de um momento de crise, e como forma de expurgo imediato a uma dor, uma perda, o diário assume

⁹⁴ MORAES, J.B. Mascarenhas de. Memórias. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984, p. 408

uma função terapêutica de “*ab-reação*”, ou seja, de catarse. Da mesma forma o diário também serve como “trincheira”, que na sua acepção mais básica é a de abrigo ou obstáculo. Nesse caso abrigo de um ambiente que requer profunda frieza e estabilidade emocional, como nos momentos que sucedem ou antecedem uma batalha no *front*. As confidências registradas no diário revelam até então como ele lidava com suas emoções no *front*, bem como em que momentos sentia-se impelido a “*entrincheirar-se*”. Por outro lado, o uso do diário como “memória”, representa não mais de uma trincheira ou catarse, mas agora como uma ressignificação do que para o coronel Sólton Rodrigues D’Avila foi a sua participação na guerra. Se alguns fatos, em detrimentos de outros não seriam esquecidos, assume-se a possibilidade daquele diário tornar-se, num futuro o que Patrícia da Silva Ribeiro chama de uma “memória de papel”, nesse sentido, “o exame do diário não pode restringir-se apenas ao que ele é, mas precisa levar em consideração o que pode vir a ser. Embora datado em função de sua intenção de reter o tempo, o diário é também um porvir”.⁹⁵ Mas, além disso, ao escrever sobre si, demonstrando a plena consciência de que se estava vivendo experiências únicas. Ao impor a formulação de reflexões e desafios, “deixa registros que futuramente, numa releitura, podem ser reconsiderados ou, até mesmo, ressignificados”.⁹⁶ “Nada necessito escrever..... nunca esquecerei as cenas deste dia....”. Palavras que sugerem a enormidade de uma emoção, e a certeza de que de tão fortes, seriam inesquecíveis. O que dá uma pista do sentido que ele desde o início atribuiu à escrita do diário: sabia que ia viver uma experiência única na vida, não sabia quanto dela ia conseguir acompanhar, mas queria deixar registrados seus sentimentos, para si mesmo e talvez para outros, caso morresse.

Cena V – A cobra fumou!

“*Pace! É finita la Guerra!*” gritava o menino que ainda não conhecia a paz. Nos pequenos lugarejos italianos a paisagem primaveril era recebida com alegria depois do longo inverno facista. Nas ruas, aquele povo sofrido vibrava novamente com o sabor de liberdade. Uma euforia incontida confundia-se com o badalar dos sinos das igrejas, muitas estavam em ruínas, mas seriam reconstruídas. Gritos histéricos, canções de pessoas que se abraçavam, chorando, e num furor de alegria disparavam novamente as armas, mas agora para cima. Vitória! Tutto finito! Vencemos!

Os soldados, pobres homens, o que não haviam passado? Nas ruas uma grande multidão, enormes braçadas de flores, boas vindas e brados de ‘Viva nostros liberatori’, ‘Viva Brasiliani liberatori nostri’ Flores... Abraços... Vivas... Beijos... Noivados! “Ah, as belas italianas de olhos verdes”, escreveria um destes soldados em sua agenda. Enfim poderiam voltar para

⁹⁵ RIBEIRO, Patricia da Silva. Em luto e luta: construindo a memória da FEB. – 2013, p. 275.

⁹⁶ RIBEIRO, 2013, p.281.

casa, missão cumprida. Dos tempos da guerra ficam as lembranças de dias difíceis, mas no fim nem todas as lembranças são ruins.

A BBC de Londres dava a tão esperada notícia: “rendição incondicional de todas as tropas alemãs”. Acabara a guerra na Europa. Ainda faltava o Japão... Mas nisso poucos pensavam naquele momento. O mundo celebrava os últimos dias daquela que fora a pior guerra da humanidade.

Após a vitória na Itália, as tropas brasileiras permaneceriam por pouco tempos como força de ocupação. Cessados os combates, não mais era necessárias as tropas passarem por falta de sono, banho, fome ou frio. Enfim, restavam-lhes receber as láureas da vitória. O povo os tinha em “incrível cotação”, admiravam com fascinação aqueles soldados libertadores. Estes por sua vez, dedicavam-se a atividades que evidenciavam sua masculinidade, fazendo jus àquele “espírito de corpo”. Os “soldados são "como Marte em vestes de combate e em parte de perversão". Bêbados, eles adotam as posturas mais indecentes "com as servas de Vênus", param indistintamente todas as mulheres, tratam-nas como vagabundas”.⁹⁷

4 de maio

Estou em Turim.

Estive esta tarde passeando na cidade. É incrível a nossa cotação.

Não se pode parar, pois se é em seguida rodeado por uma grande massa curiosa.

A noite dancei num apartamento, onde estiveram 4 garotas para eu e Paulo e todas muito boas.

20 de maio

Um domingo igual ao sábado e fatalmente igual a próxima segunda-feira. Estive com Ida, dançamos em casa de Tina, com rádio e aletrola.

21 de maio

Parece mentira, porém a monotonia começou a invadir minha vida. Já tenho saudade da guerra que terminou, movimento, ação, surpresa, imprevistos, etc.

23 de maio

Meu dia igual o de ontem. A noite, pensei no Japão...

É bem possível que abram um voluntariado.

27 de maio

Um belo domingo, não sai de S. Juliano.

A turma está quase toda noivando aqui na Itália e temos 3 oficiais casados e com filhos aqui no Esq. que estão apaixonados.

Com a paz vem um sentimento de alívio e dever cumprido, mas a falta de ação parecia aborrecer alguns veteranos. Cabem aqui as perguntas de Jean-Paul Bertaud: “O que fazer para conter, com a chegada da paz, a fúria necessariamente insuflada no corpo do soldado? Como

⁹⁷ BERTAUD, 2013, p.195.

tornar honorável o guerreiro cuja força física e o universo mental foram consagrados à arte de transpassar seus semelhantes?”⁹⁸Sólon passava seus dias, dividido entre as tarefas monótonas de seu ofício e encontros com “morenas de olhos claros”. Mas seus sentidos clamavam novamente por “ação, surpresa, imprevisto”. A guerra, aquela “grande estupidez” acabava por impregnar Sólon com outro sentimento, a saudade.

7 de agosto

Depois de uma grande interrupção, resolvi escrever novamente. Encontro-me na Urca, um apt. do (PNI), onde estou desde que voltei de P. Alegre.

São 11.30 da noite e depois de ter passado com Ines, aqui estou só, lendo, ouvindo música e pensando.

Meu reinado foi desfeito.... Bem sei o motivo. O Brazil não está bem para viver-se. Vida cara, confusão, etc... Não estou satisfeito com a vida e não encontrei ainda aquilo que me há de fazer a boa... Continuo como tempo da guerra, sem um objetivo pelo qual lutar... Sei que isso é grave e por isso vivo a procura do objetivo sem encontrá-lo.

Eis a sina deste guerreiro, sentir-se melancólico na paz.

A longa caminhada iniciada no Morro do Capistrano, os soldados da FEB chegaram aos campos italianos, com precariedade e sem treinamento. Fizeram-se bons combates, mostraram elevado espírito de companheirismo, prevaleceram aos instantes delicados do combate, seja nas patrulhas levadas à terra de ninguém, ou no conflito mais arriscado, quando se destacou a união do grupo, na mais significativa expressão de identidade. Não se trata de atribuir valores nem julgar os resultados obtidos. Não cabe aqui dizer se a atuação brasileira na Itália foi melhor ou pior do que a de outros países, mas é preciso deixar claro que a FEB certamente cumpriu o seu papel na campanha da Itália. Evidentemente que não se equiparava aos grandes exércitos do mundo, nem era este o seu propósito, pois era uma tropa de apoio que venceu grandes barreiras físicas, linguísticas e simbólicas, obtendo um excelente desempenho diante das inúmeras situações adversas. Se por um lado o Brasil teve uma participação reduzida, quando comparado aos seus aliados, certamente merece destaque a importância destes eventos no sentido que se assumiu ao reforçar e modernizar as forças armadas, estabelecer novas relações políticas e econômicas e inserir o Brasil no cenário internacional.

Ao término da guerra, o general Mark Clark, elevado a Comandante do XV Grupo de Exército e general honorário brasileiro e homenageado no nome do Estádio da AMAN enviou a seguinte mensagem ao comandante da FEB:

⁹⁸ BERTAUD, 2013, p.196.

Mostrou-se essa Força, sob seu comando (do general Mascarenhas de Moraes), ser capaz de enfrentar problemas novos, treinar e disciplinar-se para o combate no qual desempenhou parte relevante.

A FEB refletiu as altas qualidades da Nação Brasileira, que enviou seus melhores filhos, para lutar em solo estrangeiro, longe da pátria, pela implantação dos princípios de justiça e de liberdade.

Haveria justiça e liberdade? Enfim, a paz também pode ser estranha.

CONCLUSÃO

Primeiramente este trabalho buscou ser um incentivo aos historiadores e as historiadoras que se dedicam seus estudos à temática militar. Acredito que o trabalho nestes campos seja fundamental para melhor compreendermos não só a dinâmica interna das instituições militares, mas principalmente, sobre a como esse *ethos* particular define as formas de pensar e agir de seus membros. Tendo convicção de que o estudo da história das instituições militares, foco deste trabalho, contribui para o aprimoramento da democracia, uma vez que a compreensão militar dos candentes problemas mundiais está diretamente ligada às formas de pensar a própria história e, através dela, sua inserção na sociedade. Nesse estado de coisas, a democracia aduz novos problemas aos militares, como a reconfiguração de sua imagem e de seu papel social após vinte anos de regime de exceção, redimensionando a função e o significado da própria “História Militar”. Portanto chamo a atenção, não só de meus colegas “paisanos”, mas também dos próprios militares para não se limitarem a reproduções de análises precipitadas ou de senso comum.

Tendo como um dos objetos de estudo deste trabalho a Força Expedicionária Brasileira, analisei o diário de um soldado brasileiro na Segunda Guerra Mundial. Este processo iniciou-se com a transcrição do diário, que em colaboração com 1º Sargento Ianko Bett, historiador do Museu Militar do Comando Militar do Sul, e de Marcus Vinícius Barbosa, foi realizada em diversas reuniões ao longo do ano de 2015. Esta transcrição visa num futuro próximo a publicação integral do Diário de Guerra, abrindo-se assim a possibilidade de novos estudos. Cabe ressaltar que este não é apenas um diário isolado, existindo ainda inúmeros objetos que pertenceram a Sólton Rodrigues D’Avila no acervo da referida instituição museal. Novamente é necessário agradecer a confiança e o incentivo dado pela equipe do MMCMS, que desde o meu estágio curricular, sempre me atendeu com cordialidade, respeito e atenção.

Minha escolha por este diário deu-se, enfim, pela certeza da importância de melhor trabalharmos com a Nova História Militar. Desta forma este objeto me possibilitou uma ótima experiência com o referido campo de estudo, o que muito me agradou. Mas por se tratar de um objeto ainda inédito, o diário carece de estudos mais amplos, estando justamente aí uma das maiores dificuldades que encontrei durante este processo de escrita. Como referido na introdução deste trabalho, são poucos os estudos que abordam os diários de veteranos brasileiros da Segunda Guerra, e entre os estudos existentes quase nenhum trata de sensibilidades da forma com que se pretendia neste trabalho. Ou seja, pensar o que um

soldado brasileiro sentiu durante o período da guerra e nesse caso, não reescrita ou editada após o conflito.

Assim, o caminho que me pareceu mais apropriado foi justamente aquele das noções advindas da História das Sensibilidades para a escrita da Nova História Militar. Tenho a noção de que muitos outros métodos e hipóteses para resolução de novos problemas podem ser levantados a partir da fonte aqui utilizada. As próprias sensibilidades, as vivências da guerra e suas narrativas por meio do diário, ainda devem ser melhor exploradas e de maneira alguma foram esgotadas no texto. Particularmente, ainda carecem ser estudadas as cartas, mencionadas durante o trabalho, que juntamente com o depoimento do então Coronel Sólton Rodrigues D'Avila ao Projeto de História Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial (Tomo 7), revelam novos fatores ainda não pesquisados pela historiografia. Desta forma, devo alertar que muitas das questões levantadas neste trabalho não foram suficientemente respondidas. Por fim cabe expor minha intenção futura em verificar os diferentes aspectos que o diário assume para um combatente no front, e como este mesmo diário é retomado como um objeto de memória ao ser utilizado pelo diarista quase sessenta anos depois de suas confidências. Projeta-se, portanto, novas pesquisas relativas não só as sensibilidades, mas à memória dos veteranos, ao pós-guerra e as Associações de Veteranos.

FONTE

Diário de Guerra do Coronel Sólon Rodrigues D'ávila

Acervo doado ao Museu Militar do Comando Militar do Sul - MMCMS no dia 14 de junho de 2013 pelas Sras. Eliane Barcellos D'ávila e Elizabeth Barcellos D'ávila, filhas do Coronel Cav Sólon Rodrigues D'ávila, ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira.

Transcrição realizada por Sgt. Ianko Bett (MMCMS) e Marcus Vinícius Barbosa (Estagiário- Unisinos) no período compreendido entre 25 de setembro de 2013 e 23 de outubro de 2013.

1ª Revisão realizada por Sgt Ianko Bett, Marcus Vinícius Barbosa e Guilherme Nicolini Pires Masi no período compreendido entre agosto e setembro de 2015.

2ª Revisão realizada por Sgt Ianko Bett (MMCMS) Marcus Vinícius Barbosa e Guilherme Nicolini Pires Masi em 8 de outubro de 2015.

3ª Revisão realizada por Sgt Ianko Bett, Marcus Vinícius Barbosa e Guilherme Nicolini Pires Masi em 22 de outubro de 2015.

Observação: as palavras grifadas com “PNI” significam “palavras não identificadas”, devido à dificuldade de entendimento gráfico.

BARBOSA, Marcus Vinícius. BETT, Ianko; MASI, Guilherme Nicolini Pires. **Transcrição do Diário de Guerra do Coronel Sólon Rodrigues D'ávila**. Porto Alegre: [S.n.], 2015.

Nota: Artigo não publicado.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, José Goes. **Bahia 1942: Um episódio da 2ª Guerra Mundial**. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1996.

BARROS, José D' Assunção. **A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BERTAUD, Jean-Paul. O exército e o brevê de virilidade. In CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges; (Orgs.) **História da Virilidade Vol.2**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

CARVALHO, José Murilo de. **Forças Armadas e política no Brasil**. RJ: Zahar, 2005.

CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. **O Brasil na II Grande Guerra**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960, p. 77.

CASTRO, Celso. **O Espírito Militar: um antropólogo na caserna**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

CASTRO, Celso; IZECKSOHN, Vitor e KRAAY, Hendrik (orgs.). **Nova História Militar Brasileira**. RJ: FGV, 2004.

CHARTIER, Roger. **História Cultural: Entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **O mundo como representação**. Revista das revistas. Estudos avançados 11(5), 1991.

CUNHA, Maria Teresa. Diários Pessoais. Territórios abertos para a História. In Carla Bassanezi Pinski e Tania Regina de Luca (Orgs.) **O Historiador e suas fontes** – 1.ed., 4ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2015.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2014.

FERRAZ, César F. **A guerra que não acabou: A reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945 – 2000)**. Tese de Doutorado. (Doutorado em História). USP, 2003.

_____. **Os Brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GOYOS JÚNIOR, Durval de Noronha. **A campanha da Força Expedicionária Brasileira pela libertação da Itália**. – 1ª Ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX-1918-1991**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

HUNTINGTON, Samuel. **O soldado e o Estado. Teoria e política das relações entre civis e militares**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1996.

IZECKSOHN, Vitor; KRAAY, Hendrik; CASTRO, Celso (Orgs.). **Nova História Militar Brasileira**. RJ: FGV; Bom Texto, 2004.

JAHNEL, Claudia Bettina Irene Römmelt. **O arquivamento do Eu: O Diário de Hugo Delitsch e as lembranças de Emma Antom.(1844-1859)**. Tese de Doutorado(Doutorado em História). Curitiba, UFPR, 2002.

KEEGAN, John. **Uma história da guerra**. São Paulo: Cia das Letras, 2006.

LINS, Maria de Lourdes Ferreira. **A Força Expedicionária Brasileira: Uma Tentativa de Interpretação**. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História). USP, 1975.

LOUREIRO, Marcello José Gomes. **A produção da história militar recente: desafios e perspectivas**. In: III Seminário de Estudos: Poder Aeroespacial e Estudos de Defesa. Programa de pós-graduação em Ciências Aeroespaciais – UNIFA. Rio de Janeiro, 2010, v. I. p.113. Disponível em:
<https://www.unifa.aer.mil.br/seminario3_pgrad/trabalhos/marcello-jose-gomes-loureiro.pdf>
Acesso em 01 setembro 2015.

LUVAAS, Jay. História Militar – O ponto de vista de um Historiador Clássico. In WEIGLEY, Russell F. **Novas Dimensões da História Militar. Volume 1**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981-82 pp.39-40.

MANCUSO, Amanda Pinheiro. **A História Militar: notas sobre o desenvolvimento do campo e a contribuição da História Cultural**. Revista História em Reflexão: Vol. 2 n. 4 – UFGD - Dourados jul/dez, 2008.

McCANN, Frank D. **A Força Expedicionária Brasileira na Campanha da Itália, 1944-1945**. In: SILVEIRA, Joel e MITKE, Tassilo. A Luta dos Pracinhas: A FEB 50 anos depois – Uma Visão Crítica. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MOTTA, Aricildes de Moraes (Org). **História oral do Exército na segunda guerra mundial**. Tomo: 7. Rio de Janeiro: Bibliex, 2000.

MORAES, J.B. Mascarenhas de. **Memórias**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

MORAIS, João Baptista Mascarenhas de. In: GONÇALVES, Carlos Paiva. **Seleção médica do pessoal da FEB**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1951.

OLIVEIRA, Dennison de. **Aliança Brasil-EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: Joruá, 2015.

OLIVEIRA, Dennison de. **A Força Expedicionária Brasileira E A Segunda Guerra Mundial - Estudos E Pesquisas**. II Seminário de Estudos sobre a Força Expedicionária Brasileira, 2 e 3 junho, Curitiba, PR, Brasil: [anais] / Organizado por Dennison de Oliveira / colaborador Cláudio Skora Rosty / editor Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército – Curitiba: [s.n.], 2011.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. São Paulo: Autêntica, 2005, 2ª Ed., 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; Sensibilidades: Escrita e Leitura da Alma. In **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Organizadores Sandra Jatahy Pesavento e Frédérique Langué – Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

RIBEIRO, Patricia da Silva. **Em luto e luta: construindo a memória da FEB**. Tese de Doutorado. (Doutorado em História). Fundação Getúlio Vargas, 2013.

RIGONI, Carmen Lúcia. **Diários de Guerra: Memórias e Testemunhos dos Soldados Brasileiros que Combateram na Itália Durante a 2ª Guerra Mundial (1944-1945)**. Tese de Doutorado (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

TEIXEIRA, Nuno Severiano. **A História Militar e a Historiografia Contemporânea**. A Defesa Nacional: Vol. 768, 1995.

TEIXEIRA, Nuno S. **A história militar e a historiografia contemporânea**. In Revista A Nação e a Defesa. Lisboa: Instituto da Defesa Nacional, 1991, ano XVI, nº 59, pp. 53-71.

WEBER SANTOS, Nádia Maria; **Narrativas da loucura e história de sensibilidades**; Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

WEIGLEY, Russell F. **Novas Dimensões da História Militar. Volumes 1 e 2**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1981-82.